



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração da maltaria da Ambev**

**Paysandú-Uruguai, 02 de março de 2005**

O Uruguai vive um grande momento de sua história. Um momento de celebração democrática, de renovação sem precedentes de sua vida política.

A eleição de Tabaré Vázquez expressa a convicção do povo uruguaio de que um outro país é possível. Aqui, como no Brasil e em outros países de nossa América, a esperança venceu o medo. Tua vitória, companheiro Tabaré, abre grandes perspectivas para teu país, para nossos países.

Enfrentamos os mesmos desafios. Precisamos crescer e crescer muito para resgatar a imensa dívida social que herdamos. Precisamos distribuir renda para alimentar um ciclo longo de crescimento. Esse crescimento, para ser duradouro, não comporta aventuras. Mas também não suporta vacilações em nossos compromissos com as maiorias que representamos.

O desenvolvimento econômico e social que queremos se fará na democracia. Aprofundando-a. Ele confirma a necessidade de integração de nossos países. Uma integração sem hegemonismos. Uma integração que respeite as diferenças de nossas economias, as particularidades de nossas sociedades, as diferenças de nossos sistemas políticos, a originalidade de nossas culturas.

Estamos imbuídos de um grande espírito de cooperação e temos consciência das enormes potencialidades de nossa região. Juntos, estaremos em condições de enfrentar os desafios de um mundo desigual, injusto e ameaçador. Estamos comprometidos com a superação do mal maior que aflige



os nossos países: a injustiça social, que se traduz nos flagelos inaceitáveis da fome e da pobreza extrema.

Companheiro Presidente,

Sinto-me imensamente feliz por estar aqui em Paysandú. Compartilho hoje, como ontem em Montevideú, a alegria e o entusiasmo do povo uruguaio.

Conheço e admiro a democracia deste país. Sei da perseverança e do alto nível de consciência política do povo uruguaio.

Aprendi a respeitar seu país em minhas relações com o movimento sindical e com os políticos uruguaio. Tive o privilégio de acompanhar de perto a trajetória do companheiro Tabaré como líder comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, mais desenvolvida e mais democrática. Sei que o novo Presidente do Uruguai está comprometido com o fortalecimento do Mercosul e com a integração sul-americana. Estes objetivos são também prioritários na política externa do Brasil. Daqui para frente, poderemos contar com a inteligência, coragem, sensibilidade política e social do companheiro Tabaré na busca desses objetivos comuns.

A integração, palavra que aparece com freqüência em nossos discursos, precisa traduzir-se em atos, iniciativas. Ela precisa trazer benefícios concretos para nossas populações, que não podem mais esperar.

Queridas companheiras e companheiros,

É significativo que o primeiro compromisso da agenda bilateral que inauguramos com o novo governo uruguaio se dê aqui em Paysandú, na abertura da nova maltaria da AMBEV. Esta fábrica ilustra o tipo de integração que queremos: uma iniciativa que traz investimentos e gera maior prosperidade, que garante empregos e promove a integração de nossas cadeias produtivas. A história da AMBEV em Paysandú tem um significado muito especial para mim.

Minha trajetória pública e pessoal me impedia de ficar indiferente à ameaça de fechamento da fábrica da Norteña, em Paysandú. Lembro que, logo



no início do meu governo, tomei conhecimento da decisão da AMBEV de fechar a fábrica da Norteña, em virtude da retração do mercado cervejeiro no contexto da crise econômica que afetou o Uruguai. O fechamento da fábrica significaria queda da atividade produtiva da região, redução nas correntes de comércio do Uruguai e, o que é mais grave, desemprego. Não ficamos de braços cruzados. Os trabalhadores aqui se mobilizaram. Setores sindicais no Brasil também se mobilizaram. Lideranças políticas e parlamentares do Uruguai se mobilizaram. E também se moveram os governos do Brasil e do Uruguai.

Felizmente, como é próprio das empresas que atuam com criatividade, que são conscientes da sua responsabilidade social, que têm uma visão estratégica de seus negócios, a AMBEV se sensibilizou. Repensou a decisão do fechamento puro e simples da fábrica. Fez aquilo que qualquer pessoa, instituição, governo pode e deve fazer: transformar a crise em oportunidade. Esse exemplo representa um modelo do tipo de relação que queremos para o Mercosul e para a América do Sul: governo, setor privado e trabalhadores atuando juntos e buscando as melhores decisões para a economia e para a sociedade.

Foi assim que a AMBEV, ao estudar soluções alternativas, decidiu converter as antigas instalações da cervejaria da Norteña em uma nova maltaria. Acompanhei esse processo de perto desde o início e hoje vejo com alegria o resultado da aposta feita na inovação e na capacidade dos trabalhadores uruguaios.

A AMBEV está investindo 5 milhões de dólares para ampliar a capacidade de produção de malte e a área de plantio da cevada. Com isso, devem ser geradas vendas da ordem de 12 milhões de dólares. É previsto um aumento das exportações em cerca de 11 milhões de dólares – se os dados não estiverem certos, a AMBEV tem um pouco de responsabilidade, e o meu Ministério do Desenvolvimento – espero que seja mais. Não só se preservaram



os postos de trabalho da fábrica, como devem ser gerados novos empregos diretos e indiretos no campo, na logística e no transporte de cevada e malte.

Meu querido companheiro Tabaré,

Hoje é o dia em que celebramos a vitória dos trabalhadores da nossa região. É uma vitória de todos aqueles que acreditam na integração de nossos países.

A inauguração desta fábrica tem uma relevância muito grande, quase simbólica, para as relações entre Uruguai e Brasil. O que se está garantindo, na prática, é a integração de um segmento importante da agroindústria uruguaia à cadeia industrial brasileira. Estamos agregando valor aos produtos exportados pelo Uruguai.

Em lugar de importar insumos para a fabricação de cerveja de países de fora do Mercosul, como fazíamos antes, passamos a receber essas importações do Uruguai, nosso vizinho e sócio. As vantagens para ambos os países são evidentes.

É preciso, porém, que essa integração de cadeias produtivas se dê em escala ainda maior. Estou confiante em que estamos no caminho certo. Apostemos na sintonia que existe entre nossos governos e na tradição de amizade existente entre uruguaio e brasileiros. Vamos trabalhar para a integração de nossas economias, para que nossas vantagens competitivas sejam aproveitadas ao máximo.

Companheiro presidente Tabaré,

Amigas e amigos do Uruguai,

Estejam certos de que o governo brasileiro estará empenhado em dar um impulso renovado à relação antiga e sólida de amizade e cooperação que une nossos países.

Queremos intensificar nosso diálogo político. Estamos prontos para cooperar mais estreitamente em matéria de políticas sociais. Desejamos ampliar nosso intercâmbio comercial. Estamos decididos a aumentar nossa



cooperação em setores estratégicos para os dois países, como é o caso do setor energético.

Queremos ver o Brasil e o Uruguai como parceiros ativos na construção de um Mercosul pujante e de uma Comunidade Sul Americana de Nações justa e democrática.

Na fronteira de nossos dois países chegamos a criar praticamente uma cidadania comum para brasileiros e uruguaios.

Isso tudo me deixa otimista. Estou seguro de que seremos capazes de reproduzir esse mesmo espírito de convivência integrada e harmoniosa em toda nossa região.

Haverá muitas oportunidades para mostrar à sociedade uruguaia e à sociedade brasileira que a integração não é apenas uma peça de retórica, uma esperança que alimentamos em nossos discursos. Ela é e será uma realidade que, como estamos vendo aqui em Paysandú, significa mais empregos, mais investimentos, relações mais sólidas de comércio, melhores condições de vida para todos nós.

**Obs.: Por problemas técnicos na transmissão, o último parágrafo deste discurso não foi inserido.**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de abertura da 8ª Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios**

**Brasília-DF, 07 de março de 2005**

Meu querido companheiro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal, em nome do qual eu gostaria de cumprimentar a todos os senadores que estão aqui presentes,

Meus companheiros ministros,

Meus companheiros deputados federais,

Meus queridos prefeitos e prefeitas,

Meu caro Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de Justiça,

Meu querido companheiro Adylson Motta, presidente do Tribunal de Contas da União,

Meu querido companheiro Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação Nacional dos Municípios,

Meu querido João Paulo Lima, presidente da Frente Nacional de Prefeitos,

Meu querido José do Carmo Garcia, presidente da Associação Brasileira de Municípios,

Meus amigos, minhas amigas,

Prefeitos e prefeitas do Brasil,

Secretários de Estado,

Secretários municipais,

Antes de fazer o meu pronunciamento, quero dizer aos prefeitos que, num público em que 70% deles ou delas estão exercendo o mandato de prefeito a partir do dia 1º de janeiro deste ano, é importante considerar as



mudanças que aconteceram no Brasil nos últimos tempos. Não dá para a gente não valorizar o exercício dos avanços democráticos conquistados pelas marchas que os prefeitos fazem a Brasília.

E nós só vamos conseguir valorizar isso com muita força se nós lembrarmos que houve um tempo em que isso era praticamente impossível, ou porque no governo federal não havia disposição para receber prefeitos e prefeitas – a não ser que fosse individualmente, se algum deputado ou senador tivesse mais próximo da autoridade que devesse receber – ou, muitas vezes, os movimentos dos prefeitos ficavam isolados nos estados e não tinham a dimensão nacional que vocês ganharam nesses últimos anos.

Então, é importante valorizar os degraus da democracia que nós conquistamos, porque sem eles tudo é mais complicado, tudo é mais difícil. Eu mesmo, quando era deputado, lamentava profundamente a vinda a Brasília de prefeitos de vários partidos políticos com quem eu tinha amizade e, muitas vezes, esses companheiros perambulavam pelos hotéis de Brasília, pela porta dos Ministérios, andando de corredor em corredor e voltavam para casa depois de dois, três dias, sem conseguir sequer conversar com o presidente da Caixa Econômica Federal, que aliás está aqui, o nosso querido companheiro Jorge Mattoso, que até se deu ao luxo – numa demonstração de que a Caixa não é dele, a Caixa é para atender a sociedade brasileira, e os prefeitos – de criar uma sala especial para atendimento dos prefeitos, aqui, em Brasília.

E esses avanços só foram possíveis porque houve um amadurecimento. Vejam, o Brasil teve um ministro da Educação, chamado Eduardo Portela, me parece até que era um acreano, que uma vez fez uma declaração dizendo: “Eu não sou ministro, eu estou ministro.” Parece uma frase qualquer, mas se todos os governantes, prefeitos, vereadores, governadores, deputados estaduais, senadores, deputados federais e presidente da República, tivessem essa frase como paradigma para o seu comportamento, nós seríamos muito mais humildes na nossa relação com a sociedade, nós atenderíamos os outros com



muito mais carinho, porque na verdade, nós estamos exercendo um cargo, depois do nosso mandato, o que nós vamos fazer? Cada um vai voltar para a sua vida particular.

E se ele não foi uma pessoa que tratou os outros bem, vai perceber que os amigos já não estão esperando por ele, que os amigos já fizeram outra amizade, que ele vai ter que construir uma nova relação de amizade. E vocês sabem que nem todo mundo sabe viver sem côrte, e esse é um trabalho psicológico de muita profundidade, em que a gente tem que ter consciência de que o mandato é muito passageiro, portanto, nós voltamos a ser o que éramos antes. Não há a eternidade da função e é bom que seja assim, porque senão a democracia correria um sério risco.

Então, eu penso que nós tivemos avanços excepcionais, e é por isso que os ministros têm orientação e obrigação, primeiro de virem aqui, eu não sei se são 12 que vão vir, mas se precisar tem mais ministro disposto a vir debater todo e qualquer assunto, porque não tem assunto que não possa ser debatido.

Também dizer aos companheiros, prefeitos, prefeitas e à direção do Movimento, que eu fui deputado constituinte, participei dos avanços extraordinários que as prefeituras conquistaram e tiveram sorte os prefeitos que começaram a governar em 1989. Pela primeira vez na história do Brasil, foi dada a dimensão de ente federativo às cidades brasileiras e os prefeitos que assumiram a partir de 1º de janeiro de 1989, possivelmente, tenham sido os prefeitos e prefeitas que mais tiveram dinheiro para administrar no período do seu mandato.

Não sei por que essa coisa começou a diminuir a partir de um determinado tempo, até dando a impressão de que tem gente que tem prazer de encontrar um prefeito com o pires na mão e não um prefeito, enquanto um companheiro representante de uma instância administrativa do nosso país.

É possível votar isso com a rapidez que todos nós desejamos para o padrão de 1989? Não é, meu querido Paulo, não é, Zé do Carmo, não é, João



Paulo. É um processo a ser construído, porque senão nós vamos ficar naquela do paciente que está com um cobertor curto e se ele cobrir a cabeça descobre o pé e se cobrir os pés descobre a cabeça. É preciso construir.

O que é importante é que vocês tenham claro que a esse governo não faltará disposição para que a gente construa isso e o fato de vocês fazerem uma marcha em qualquer época, e não conseguirem as coisas que vocês estão reivindicando, não é motivo nenhum para que vocês desistam e não venham na próxima. Pelo contrário, é motivo para vocês se fortalecerem muito mais e virem na próxima com muito mais força, porque “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, todos nós aprendemos isso.

Neste momento em que nós temos 70% dos prefeitos, aqui, com três meses de mandato, na verdade, dois meses de mandato. Alguns ainda estão procurando saber o que aconteceu nas prefeituras; alguns encontraram a prefeitura bem administrada, numa situação favorável, ótima, o que eu acho difícil, mas de qualquer forma, se o companheiro sucedeu um companheiro do mesmo partido, há essa possibilidade, se o companheiro foi candidato à reeleição há essa possibilidade.

Mas eu conheço casos neste país, em cidades grandes e pequenas, que quando o prefeito toma posse, vai ver que a ambulância está só a carcaça, o motor foi levado embora, não está mais lá. Quando ele encontra o motor não tem o pneu. Isso existe, lamentavelmente, isso faz parte da cultura política do Brasil, que nós precisamos mudar e vamos mudar com um comportamento como este que vocês estão tendo neste momento histórico do Brasil, fazendo com que a sociedade enxergue que as prefeituras não são algo menor, que as prefeituras têm sua importância, e muito mais importante ela será, na medida em que a relação entre os entes federativos for civilizada como vocês deram a demonstração nestas oito marchas que fizeram a Brasília.

Você pode ficar certo, Paulo, você talvez seja a mais viva testemunha disso, talvez o Zé do Carmo também, de que se você comparar a relação entre



os entes federativos, hoje, com o que era há oito anos, você já entrou no reino do céu tal é a facilidade da relação que existe hoje. E é difícil, não pense que é fácil, não pense que foi de graça que nós conseguimos aprovar a questão do ISS; não pense que foi fácil passar uma parte da CIDE para as prefeituras, essas coisas são muito complicadas, porque quem não tem dinheiro quer mais, e quem tem não quer repartir. Então, é um trabalho imenso que tem que ser feito junto aos governadores, junto aos ministros, junto aos deputados federais, junto aos senadores, e eu acho que nós avançamos de forma se não excepcional, avançamos como jamais avançamos nessa relação no Brasil.

Eu participei, há muitos anos, quando tinha aquelas entidades municipalistas em São Paulo – fui convidado para vários debates – que, na verdade, não tinham o compromisso que vocês estão tendo, assumindo o compromisso que vocês estão assumindo, de fazer um encontro no seu estado, tirar uma pauta de reivindicação, vir para Brasília, juntar essa pauta de reivindicação, construir uma pauta que passará a ser um documento dos prefeitos do Brasil.

Naquele tempo, muitas vezes, as associações eram manipuladas por interesses muito, mas muito próximos à questão eleitoral. Então, eu quero dizer para vocês: não abram mão porque é uma conquista que não está ainda consolidada em leis, e nós precisamos ir consolidando, porque você sabe que mudam os hábitos, mudam os costumes e agora nós precisamos ir consolidando isso com muita força, para que os prefeitos no Brasil e as cidades sejam realmente tratados como devem ser. Por isso é que eu afirmei aqui, na primeira vez, e volto a reafirmar, que nós queremos, desejamos e trabalhamos para que a gente tenha municípios cada vez mais fortes, mais equilibrados, para que a gente tenha um melhor equilíbrio federativo no nosso querido país.

A minha presença e a presença de 11 ministros de Estado nessa 8ª Marcha dos Prefeitos significa o nosso empenho em fazer avançar a nova relação federativa fundada no fortalecimento dos municípios na construção de



uma agenda compartilhada e no fórum permanente de negociação.

O Comitê de Articulação Federativa representa um permanente espaço de negociação entre o governo federal e os municípios. É preciso que os novos prefeitos eleitos em 2004 saibam do renovado compromisso de nosso governo com o fortalecimento do poder local. E estejam certos de que esse compromisso sempre esteve acima da filiação partidária de cada um dos senhores e das senhoras.

Desde que assumimos o governo, em 2003, em especial no nosso primeiro encontro durante a 6ª Marcha, temos sido parte efetiva dessa caminhada. E por que eu preciso relembrar algumas coisas? Exatamente porque tem muitos prefeitos novos aqui. E pelo fato de ter muitos prefeitos novos aqui, que vão voltar para suas cidades, é importante que voltem conhecendo o que aconteceu.

A Lei Complementar nº 116, de 2003, ampliou a base tributária própria dos municípios. O Projeto de Lei do ISS tramitou por mais de 15 anos no Congresso Nacional e foi aprovado no ano passado, com o total apoio do governo.

A aprovação e sanção da Lei do Salário-Educação. Até o ano de 2003, os recursos eram repassados somente aos estados. A partir da nova lei, os recursos são repassados também aos municípios, segundo o número de matrículas na rede pública.

A aprovação e sanção da Lei do Transporte Escolar. A responsabilidade pelo custeio do transporte de alunos que residem ou estudam em escolas rurais passa a ser do município ou do estado que responde pela sua matrícula.

A aprovação da Lei dos Depósitos Judiciais. Essa, possivelmente, não tenha importância para as pequenas cidades, para as cidades muito pequenas. Mas para as cidades de porte médio, os prefeitos já sabem o significado da aprovação da lei dos depósitos judiciais. Esta lei dá aos municípios tratamento similar aos estados e à União e permite que os municípios tenham acesso a



recursos depositados judicialmente, sem diminuir a segurança jurídica do contribuinte.

Eu queria, aqui, fazer justiça. Eu, ainda em 2003, estava no meu gabinete e recebi um telefonema do companheiro Pimentel, prefeito de Belo Horizonte, pedindo para ter uma audiência comigo. E na audiência o Pimentel falou: “Mas Presidente, por que a União tem direito de sacar os depósitos judiciais, os estados têm e os municípios não têm?” Primeiro, eu nem sabia que existia essa lei. Na hora fomos atrás da lei. Primeiro, foi feito só para a União, depois de muita pressão os governadores começaram também a ter direito. E eu disse ao Pimentel: Bom, se o governador pode, se o governo federal pode, por que as prefeituras não podem? E fizemos com que as prefeituras tivessem acesso a essa lei para que possam, também os prefeitos das cidades que têm muito processo, ter um dinheiro sem fazer com que o cidadão que está processando perca ou tenha algum prejuízo. E isso tem trazido benefícios enormes para as cidades grandes deste país.

A inclusão de demandas e o apoio à propostas negociadas de interesse dos municípios no projeto de Reforma da Previdência enviado pelo governo federal ao Congresso Nacional. O texto aprovado fortalece os sistemas próprios de Previdência de municípios. A primeira parte da reforma tributária que contempla manutenção do ISS como base tributária própria dos municípios; participação na arrecadação da CIDE Combustíveis; participação no fomento às exportações; arrecadação integral ou parcial do ITR para os municípios; o Projeto de Lei sobre os consórcios públicos. Aí um dado sobre o ITR. Essa disputa do ITR é antiga. Ela está aqui, o Roberto Rodrigues sabe que há mais de 50 anos tenta fazer para tudo quanto é lado. Desde o tempo do Carvalho Pinto, já se tentou brigar, do Áureo Moura Andrade, ou seja, essa lei continua intacta, praticamente sem arrecadar 1% daquilo que poderia ser arrecadado, porque tem gente que acha que os tributos, mesmo estando na lei não valem para eles.



E eu acho que os municípios têm muito maior poder de pressão para que esses recursos possam aumentar um pouco a arrecadação dos nossos prefeitos para ajudar as nossas cidades. Além dessas conquistas, os 11 ministros de Estado, que estão aqui para dialogar com vocês, trazem um elenco de novas medidas para serem implementadas ao longo de 2005. Alguns exemplos: ampliação dos recursos para habitação. Estão disponíveis para este ano 10 bilhões e 700 milhões de reais. Esses recursos beneficiarão 644 mil famílias e gerarão 566 mil empregos.

Programa de Subsídio Habitacional: serão realizados leilões no valor de 450 milhões de reais.

Programa de Arrendamento Residencial: previsão de contratar 1 bilhão e 300 milhões de reais que irão beneficiar algumas milhares de famílias neste país. Crédito Solidário 2005 estima a contratação de no mínimo de 350 milhões de reais.

Programa Papel Passado de regularização fundiária: pretende conceder, até o final do ano, em colaboração com prefeituras e governos estaduais, aproximadamente 300 mil títulos sendo que desses, 100 mil com registro em cartório.

Campanha pelo Plano Diretor: até 2006, mais de 2000 municípios brasileiros têm a obrigação, prevista no Estatuto da Cidade, de elaborar um Plano Diretor com a participação da população. O governo federal ajudará financeiramente cerca de 400 municípios a elaborarem seu Plano Diretor Participativo.

Programa Bolsa Família: cuja meta para este ano é atender a 8 milhões e 700 mil famílias, eu quero fazer um apelo especial. Nós queremos chegar no final deste ano a 8 milhões e 700 mil famílias. Isso, se pegar a média de quatro pessoas por família, serão mais de 32 milhões de pessoas.

Eu queria pedir para os prefeitos que fizessem o cadastro como se estivessem cuidando dos seus filhos, da sua mulher, com a maior seriedade,



porque se a gente permitir um desvio, daqui a pouco estará a cara de um de vocês no Jornal Nacional sem saber por quê. Eu sei que não é o prefeito que está cadastrando, eu sei que são funcionários, que são secretários. Então, é preciso tomar cuidado, nós temos hoje uma estreita colaboração com parte do Poder Judiciário, com o Ministério Público em todos os estados para ver se a gente faz deste Programa um exemplo de coisa séria no Brasil, porque nós estamos habituados a ver momentos em que você pensa em dar 10 reais para um pobre e, daqui a pouco, você vai ver, o patrão do pobre é quem ficou com os 10 reais e ele não teve acesso a isso.

Então, essa é uma ajuda que eu peço a vocês porque este Programa é o primeiro indício para que a gente tenha quase que a obrigatoriedade das famílias colocarem seus filhos na escola.

Nós queremos fazer essas coisas partilhadas com vocês. Vocês sabem que grande parte dos programas que se faz, eles efetivamente têm que ser feitos em parceria com as prefeituras, porque mesmo que quisesse, o governo federal não teria como se espriar por quase 6 mil municípios no país e por 8,5 milhões de km<sup>2</sup>. E se as cidades são entes federativos, nada mais justo do que essa co-responsabilidade para que a gente faça um programa juntos.

O Ministério da Saúde está investindo 738 milhões de reais em ampliação dos sistemas de abastecimento de água e também de rede de esgoto sanitário, coleta de resíduos sólidos e melhorias sanitárias em municípios com até 30 mil habitantes. Tudo isso deve beneficiar, este ano, por volta de 750 mil brasileiros e brasileiras.

Parte da arrecadação, e aí eu acho que vocês já receberam, que foi a primeira parte da arrecadação da CIDE, que já está sendo distribuída aos municípios, no caso específico dos municípios, esses recursos podem ser utilizados no financiamento da infra-estrutura de transporte coletivo, na melhoria das estradas vicinais ou aplicados em projetos, segundo interesses de cada localidade.



A inauguração, ainda neste mês, de 49 Telecentros de Informação e Negócios, e até dezembro, de 300 Telecentros. Telecentro é um espaço composto de 11 computadores, ligados entre si e conectados à Internet, que se propõe a ajudar os microempresários dos municípios brasileiros.

Após dez anos sem aumento, é importante os novos prefeitos saberem o seguinte: quando foi aprovada a merenda escolar, como o real era equivalente a um dólar, significa que nós aprovamos 13 cents de dólar, na verdade, para a merenda escolar. Depois o dólar passou a ser muito valorizado diante do real e nós continuamos com isso. Nós fizemos o primeiro reajuste, em 10 anos, do dinheiro da merenda escolar. O MEC reajustou em 116% o valor per capita da merenda escolar da pré-escola. O MEC estendeu ainda o benefício da merenda escolar para as creches públicas e filantrópicas. Essa inovação, além de garantir a segurança alimentar a milhares de estudantes, contribuiu para o aumento de matrículas, da frequência escolar e da melhoria dos cardápios.

No que diz respeito ao Fundef, houve um aumento real de mais de 20% no nosso governo. Este ano haverá também diferenciação, pela primeira vez, do valor mínimo do Fundef para as regiões urbanas e rurais.

O Ministério da Fazenda deve colocar à disposição um CD sobre “Gestão de Finanças Municipais, Legislação, Orientações e Informações Fiscais”. Se não está, deve ser colocado à disposição para que cada prefeito possa levar e ver se ele consegue fazer o melhor possível na sua administração.

Mas nós estamos aqui, nesta 8ª Marcha, para definir, juntos, as prioridades que temos pela frente. Eu poderia perguntar: Qual é a nossa agenda? Quais são as nossas perspectivas de avanço? Os três representantes que eu poderia dizer, das prefeitas e das cidades, falaram aqui.

Primeiro, nós precisamos da parceria dos prefeitos brasileiros para que a gente possa concluir a reforma tributária. Ela não pode ficar pela metade. Para isso, o trabalho de cada prefeito e prefeita é fundamental para apressar a



votação do projeto que está na Câmara dos Deputados. E o próprio projeto, Paulo, já prevê que aumentaria 1% no Fundo de Participação dos Municípios. Portanto, eu acho que nós temos que trabalhar, eu acho que os governadores também estão maduros. Você tem problemas em algumas regiões. Mesmo numa região que tem poucos governadores com problemas. Eu, na conversa com o líder do governo na Câmara, já ponderei que era preciso fazer uma reunião com todos os governadores para saber porque a gente não faz logo essa reforma tributária, para que a gente tenha tempo de se dedicar às mudanças futuras que possam atender a outras reivindicações das prefeituras brasileiras.

Segundo, aumentar a eficiência administrativa e a capacidade de gestão dos recursos nos municípios.

E, terceiro, atualizar o Protocolo de Cooperação Federativa, firmado em março de 2003. É essa atualização que, seguramente, será feita durante este evento, que possibilitará a redefinição de nossa agenda para os próximos três anos.

Queria lembrar a vocês também que vocês podem aprovar, porque vai ser garantida, aqui, a questão de que cada ministro vai criar – como tem junto ao gabinete do companheiro Aldo – uma assessoria para acompanhar os assuntos de interesse das prefeituras no nosso país, porque o que acontece, muitas vezes, é que vocês têm uma reunião com o ministro, voltam para suas cidades e aquela não é a preocupação prioritária do ministro. Ele acabou de atender vocês, vai viajar para Manaus, vai viajar não sei para onde, ou seja, é importante que tenha alguém com a finalidade prioritária de acompanhar cada processo desses que vocês articularem aí.

E eu queria terminar pedindo duas coisas para vocês. Primeiro, dizer aos prefeitos novos, sobretudo aos novos, que este é o ano em que darão sinais de como será a administração de vocês. Este é o ano em que, se vocês plantarem corretamente e adubarem corretamente, poderão ter uma colheita



razoável daqui a três ou quatro anos. E mesmo dentro das dificuldades que têm os prefeitos, é importante que vocês analisem, vocês peguem o orçamento dos prefeitos anteriores onde nem sempre as prioridades são aquelas que vocês prometeram durante o processo eleitoral. As mudanças que vocês queriam fazer, nem sempre é possível fazer com a rapidez que vocês gostariam. E vocês vão perceber que logo, logo, vocês estão apenas com três meses de governo... eu vou repetir isso, porque no ano passado eu falei para os prefeitos que estavam se retirando, que era o último ano, alguns iriam voltar reeleitos, outros não iriam voltar mais.

Então, eu queria dizer que vocês vão perceber muito rapidinho tudo aquilo que vocês estão reivindicando do governo federal ou do governo estadual, vão perceber que quando forem na periferia, o povo vai reivindicar de vocês a mesma coisa. E, possivelmente, vocês tenham que utilizar o mesmo discurso que alguém honesto tem que fazer. Se você tem dinheiro para fazer as coisas, não há por que não fazer. Mas se você não tem, não tem por que mentir também, fazer uma promessa para ver todo mundo feliz e depois passar dois ou três anos e não acontecer aquilo que foi prometido.

Essa relação de vocês com a cidade é que vai permitir que a gente possa ir tendo a certeza de que vamos construir um mundo político no Brasil, em que a sociedade vai estabelecer uma relação definitiva de confiança com aquele que foi eleito. Eu fui uma vez em Pirapora, Minas Gerais, os mineiros devem estar lembrados, na caravana de 1993, do São Francisco, fazia três meses que tinha havido eleição. Eu cheguei na cidade, o povo estava fazendo uma manifestação e pedindo a renúncia do prefeito. E me convidaram para ir. Eu falei: não vou, não vou porque vocês acabaram de eleger o homem, como é que vão pedir a cabeça do homem? Ele nem começou a administrar.

Esses dias foi a mesma coisa, eu fui a Caruaru. Não sei se está aqui o prefeito de Caruaru. Mas eu fui a Caruaru. Cheguei lá, um movimento para que o prefeito saísse. Mas ele tinha acabado de ser eleito. Se foi bom ou certo, o



povo é que vai julgar, se teve alguma coisa errada a justiça vai julgar, senão, a gente não passa a seriedade para o eleitor que votou em nós nas eleições.

E vocês que estão começando, vocês têm sorte, vocês têm a possibilidade de ajudar a melhorar a imagem que o povo construiu da administração pública brasileira. E para isso eu queria pedir duas coisas a vocês. Primeiro, eu queria que vocês tentassem ajudar a organizar nas cidades que vocês dirigem, cooperativas de crédito. Pegar os comerciantes e pedir que eles se organizem em cooperativas de crédito, que eles se cotizem e, depois, na hora em que eles precisarem de 10 mil reais emprestados, eles não tenham que trocar uma duplicata num banco, pagando os “juros da cara”. Ele pode ir à cooperativa dele e trocar essa duplicata a um *spread* muito mais barato.

Ao invés de a gente ficar chorando a baixa dos juros, e nem sempre eles vão baixar como se quer, é preciso que a gente crie mecanismos inovadores. Daí o sucesso que teve o chamado empréstimo consignado neste país, onde são praticamente 16 bilhões de dólares circulando na mão do povo trabalhador que fez convênio com os bancos através dos sindicatos.

Isso pode ser feito pelos nossos comerciantes. Eu tenho dito... em uma reunião com todas as Federações do comércio do Brasil esta semana, eu ponderei: gente, pelo amor de Deus, vamos organizar os trabalhadores em cooperativas, sobretudo os comerciantes, para que as lojas sobrevivam, para que não fiquem dependendo do Sistema Financeiro. Esta é uma coisa que vocês podem fazer. Esta é uma coisa que os prefeitos podem fazer, porque eu sei que os comerciantes também vão chorar, lá, que estão devendo, que estão quebrados. É hora de vocês se juntarem. Não é criar uma cooperativa para eles, porque assim não vai dar certo, cooperativa é uma coisa, querido Roberto Rodrigues, que só dá certo se houver a consciência dos cooperados de que é preciso criá-la, senão ela vai nascer morta.

Eu quero pedir para vocês que façam esse gesto, porque eu acho extremamente importante para que a gente mude um pouco a visão sobre a



situação dos pequenos comerciantes no nosso país.

Por último, eu quero dizer aos prefeitos o seguinte: vocês terão aqui, amanhã, 12 ministros conversando com vocês, amanhã e quinta-feira, e eu quero que vocês, independentemente, Paulo, do que for discutido ou falado com os ministros, aqui, eu acho que é importante, na carta que vocês vão aprovar, não sei se é uma carta, não sei se é um documento de Brasília, que vocês coloquem precisamente aquilo que vocês entendem que é o correto e que não façam a pressão individual em cima do governo federal; em cima do Senado ou da Câmara; que num determinado momento vocês reivindiquem a necessidade de uma reunião, entre o Presidente do Senado, o Presidente da Câmara, o Presidente da República, seus assessores, para que, juntos, a gente possa construir alguma coisa que possa significar não só uma conquista da 8ª marcha de vocês, mas que possa significar vocês se prepararem para pedir muito mais na 9ª Marcha de Prefeitos do nosso país.

Meus companheiros, muito obrigado, boa sorte às mulheres que estão aqui, e feliz Dia das Mulheres. Eu acho que essa volta excepcional da quantidade de mulheres que estão participando, aqui, demonstra que as mulheres brasileiras resolveram ser donas do seu destino e não pedir mais licença para os homens.

Muito obrigado, gente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia por ocasião do Dia Internacional da Mulher**

**Apodi-RN, 08 de março de 2005**

Eu vou pedir para D. Marisa vir aqui, em pé, no palanque. Pode vir aqui.

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Rio Grande do Norte,

Minha querida amiga Wilma Maria de Faria, governadora do Rio Grande do Norte,

Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para as Mulheres,

Meu querido amigo Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Companheiras que falaram, aqui, em nome das entidades, representando o movimento social: Celestina, a companheira Maria Auxiliadora, a companheira Maria Gerusa, a companheira Elizangela, a companheira Raimundinha,

Quero cumprimentar os deputados que estão aqui presentes,

Os dois senadores, Fernando Bezerra e Garibaldi Alves Filho,

Quero cumprimentar a deputada, tem três deputados aqui, na verdade, que eu tenho que citar o nome deles. O deputado Robinson Faria, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Norte e os demais deputados estaduais,

A deputada federal Fátima Bezerra e a deputada Sandra Rosado,

Quero cumprimentar o senhor José Pinheiro Bezerra, prefeito de Apodi,



Quero cumprimentar aos prefeitos de outras cidades que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar o representante do BNB, Roberto Smith,

Quero cumprimentar o representante do Banco da Amazônia, o Mâncio Lima,

Quero cumprimentar o nosso companheiro representante do Banco do Brasil, o nome dele não está aqui na minha nominata,

E quero, sobretudo, dizer que vocês são mais do que heróis e heroínas, porque ficar neste sol, da hora que vocês estão, a cabeça está tão grande e tão quente, que é capaz de as abelhas das meninas sugarem massa na cabeça de vocês para fazer mel. Isso é uma demonstração de apego à causa de vocês, como pouca gente pode demonstrar. Por isso eu quero agradecer a vocês este carinho de estarem há tempo esperando para ouvir algumas palavras das autoridades aqui constituídas, mas também ouvir as palavras das pessoas que representam vocês, aqui.

Eu trouxe a minha mulher aqui, porque, hoje, na verdade, não é dia de fazer discurso. Eu poderia ter ido para a Avenida Paulista, lá em São Paulo, porque eu estou perto da minha casa, já iria ver os meus filhos à noite ou poderia ficar em Brasília, fazer um ato qualquer lá, ou fazer alguma coisa com os funcionários do Palácio do Planalto que estaria resolvido o problema. Mas nós resolvemos vir, aqui, para dar uma outra demonstração, afinal de contas, política não é feita de palavras, nem apenas de atos administrativos. Às vezes a política é feita de gestos. E, às vezes, os gestos valem mais do que uma obra que a gente possa construir.

E a minha vinda aqui é o reconhecimento. Primeiro, a um povo que, há muitos e muitos anos neste país é levado, de forma quase que secular, a viver de pequenas políticas compensatórias em função das crises que acontecem no nosso país.



E eu pedi para a Marisa vir aqui, porque eu devo parte do que eu sou na vida à minha mãe, uma nordestina de Garanhuns que teve a coragem de colocar oito filhos num “pau-de-arara” e sobreviver em São Paulo, pensando que ia encontrar o maridão que já estava lá desde 1945, isso foi em 1952, e quando ela chegou para se encontrar com o maridão dela, ele estava casado com outra. E ela não perdeu a ternura e cuidou dos oito filhos sozinha e conseguiu até fazer com que um deles chegasse à Presidência da República.

Uma outra é esta “galega” que está aqui do meu lado. Esta “galega”, eu não sei se ela teve a sorte de me encontrar ou eu tive a sorte de encontrá-la. O dado concreto é que nós vamos fazer 31 anos de casados e nesses 31 anos nós já passamos por momentos muito difíceis. De vez em quando eu digo que a Marisa foi a mãe e o pai dos meus filhos. Primeiro, pela minha atividade sindical, eu não estava junto com ela em nenhum momento em que nasceram os meus filhos. Depois, eu nunca estava em casa para ver o boletim da molecada, para ver se estava tudo bem na escola ou se não estava bem.

O dado concreto é que o caçula já está com 18 anos e hoje eu olho para o céu e dou graças a Deus de ter tido a Marisa cuidando daquela molecada, fazendo o papel de pai e mãe e não permitindo que a ausência do pai fosse razão para que a gente tivesse um filho revoltado dentro de casa ou tivesse algum problema. Não tem isso. E mais ainda, mesmo quando eu fui preso em 1980, a Dona Marisa, que parecia ser frágil, que parecia ser debilitada para enfrentar uma situação daquelas, em nenhum momento ela vacilou em assumir, junto com as mulheres de São Bernardo do Campo, a luta que os metalúrgicos estavam fazendo.

Então, a força dessas duas mulheres, da minha mãe e da minha mulher, são, na verdade, uma espécie de vento, de força invisível que me empurra para dizer: por mais difícil que seja o momento que você esteja vivendo, não abaixe a cabeça nunca e não se sinta derrotado. Levante a cabeça e vá à luta, porque a vitória é sempre possível, na medida em que a gente acredita nela. E isso me



fez estar aqui onde eu estou hoje e, obviamente, eu não estaria aqui se não fosse o símbolo dessas duas figuras para mim, mas também se não fosse o carinho de vocês, de perderem tantas eleições comigo e não desistirem nunca de chegar onde eu cheguei.

Eu estava vendo a nossa querida governadora falar aqui e ela falou de dois assuntos que me chamaram a atenção. E essa, para mim, é a arte mais extraordinária de governar, é a arte mais fantástica de governar, é o exercício da cobrança da sociedade e o exercício da paciência e da tentativa de cumprir esse exercício de cobrança da sociedade. A arte de governar é uma eterna contradição. Eu vou dar dois exemplos ditos, aqui, neste palanque.

A governadora falou da questão do sal, porque a Petrobras, a nossa querida Petrobras, descobriu uma grande reserva de sal no estado do Espírito Santo. Até então o estado do Rio Grande do Norte era o responsável por 97% do sal que o Brasil consome. Então, vejam, quando a nossa governadora fala: “Presidente, é preciso tomar cuidado com os empregos daqui”. Ela está agindo corretamente, defendendo o povo do seu estado, defendendo o povo que trabalha nas salinas há muito tempo, e alguns até ficaram cegos de trabalhar em outros tempos em que não tinha nem proteção. Ela está correta.

Mas vejam, o Rio Grande do Norte é meu filho e o Espírito Santo é meu filho. Os dois estão pedindo a mesma coisa. Eu não posso dizer olha, o Rio Grande do Norte vai continuar com as salinas e o Espírito Santo não. Obviamente, como nós somos um país onde os governantes estão ficando civilizados, eu quero me comprometer com a Governadora que nós vamos chamá-la e vamos chamar a direção da Petrobrás, a Ministra de Minas e Energia, porque a verdade é que o Espírito Santo tem outras possibilidades econômicas de se desenvolver e, pelo menos por algum tempo, a gente, possivelmente, não precise disso, porque não viria acrescentar muita coisa na necessidade de consumo no país, mas poderia causar um problema social num estado que já tem uma história calcada na produção de sal. Isso é possível



fazer de forma civilizada, chamando os governadores, a Petrobrás, e tentando estabelecer um acordo para deixar para explorar o sal de lá depois.

Uma outra coisa é a refinaria. Essa refinaria é o seguinte: nós temos seis estados que querem a refinaria. E a decisão, na verdade, Wilma, é uma decisão que tem cunho técnico muito forte porque, obviamente, que não vai prevalecer uma decisão política de dizer: é em tal lugar porque eu gosto do governador, da governadora. Não pode ser assim. A Petrobrás é uma empresa da mais alta responsabilidade, ela construiu uma credibilidade durante esses 51 anos de existência e não vai caber ao Presidente impor. Obviamente que eu tenho dito sempre o seguinte: tem muita gente falando em refinaria. Eu já recebi governadores que me disseram: “tal país vai financiar”. Até agora não apareceu um centavo de fora para financiar a refinaria, porque todos querem fazer com a Petrobrás e a Petrobrás tem como prioridade a recuperação da Reduque, no Rio de Janeiro, que está superada, e a modernização de Paulínia, que pode produzir muito mais. De qualquer forma, eu tenho dito para a Petrobrás que a decisão de construir uma refinaria não é uma decisão eminentemente técnica ou econômico-financeira da empresa, mas em função das necessidades do Brasil se desenvolver de forma mais homogênea.

Eu estou dizendo isto para mostrar que o papel de um Presidente da República não é diferente do papel que vocês exercem dentro da casa de vocês. Muitas vezes vocês estão em casa, pensam que é muito diferente de ser Presidente. Não é. É igual às decisões que vocês têm que tomar em casa. Uma mãe, quando está com os seus dois filhos dentro de casa, que o filho começa a brigar com o outro – e quem tem menina sabe como é que menina briga dentro de casa – ela tem que tomar posição, e não pode ficar do lado de uma e prejudicar a outra. A mãe sempre tem que ter o papel de harmonizar, de manter o equilíbrio, para que haja harmonia dentro de casa. Esse o papel que um Presidente da República exerce.

E por isso é que nós estamos pensando, Governadora, prefeitos,



senadores e deputados, que o Nordeste brasileiro precisa, definitivamente, e não estou negando São Paulo, porque reconheço o papel que São Paulo teve na minha vida, na minha formação profissional, mas eu acho que o Nordeste brasileiro precisa passar por uma mudança estrutural profunda, que vai custar muito dinheiro, mas nós vamos ter que assumir a responsabilidade de fazer uma mudança estrutural no nosso querido Nordeste brasileiro, para que a gente não viva mais um século vendo o Nordeste produzir parte das pessoas que são obrigadas a viver como se fossem nômades, viajando o mundo inteiro, viajando o país inteiro, de estado para estado, à procura de uma chance para trabalhar.

Nós estamos com três grandes projetos para o Nordeste Brasileiro. Na verdade, o primeiro projeto – e quero dizer aqui que nós vamos fazê-lo – é a transposição das águas do rio São Francisco. Não é justo que alguém não queira compreender a necessidade da gente pegar um pouco da água, e muito pouca, para fazer com que pelo menos 10 milhões de famílias brasileiras tenham o direito de ter água potável para beber.

Eu digo sempre que as pessoas que são contra essa água não sabem o que é carregar uma lata d'água, durante sete ou oito léguas, na cabeça; não sabem o que é tomar água barrenta, não sabem o que é repartir um pouco de água, num açude vazio, com a cabra, com o cavalo, com a vaca. Não sabem, então são contra.

Nós queremos convencer as pessoas de que é importante fazer essa transposição, porque se a gente fizer essa transposição, a gente vai fazer uma ligação com os açudes e as barragens, sobretudo, nos estados que mais necessitam: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Ceará. E essa barragem Santa Cruz não vai precisar nunca esvaziar, porque toda vez que ela estiver ficando vazia, nós vamos ter água para enchê-la e permitir que as pessoas vivam com mais tranquilidade neste país. Essa é a primeira coisa.



Então, essa transposição da água é uma prioridade que nós vamos fazer. Não é possível que desde 1846, o imperador D. Pedro queria fazer e não conseguiu fazer. Nós vamos fazer com o cuidado de tomar conta da revitalização do rio São Francisco. Nós sabemos que é preciso recuperar a cabeceira do rio São Francisco, nós precisamos ter uma política de saneamento em algumas cidades à margem do rio São Francisco, mas nós vamos fazer com cuidado e com a responsabilidade que esse projeto precisa ter.

A segunda coisa que nós vamos fazer para o nosso querido Nordeste brasileiro é o Programa de Biodiesel. Esse Programa de Biodiesel é, na minha opinião, o grande programa de desenvolvimento do Nordeste brasileiro, porque ele pode ser feito de uma planta que, até então, a gente utilizava muito para fazer guerra de estilingue, de peteca, como vocês chamam no Nordeste, que é a mamona. E nós, através da mamona, poderemos fazer do semi-árido nordestino o grande centro produtor de biodiesel. E agora que foi aprovado o Protocolo de Quioto, nós temos a chance de, num curtíssimo prazo, ver o mundo inteiro precisar fazer acordo com o Brasil para comprar um combustível menos poluente que o diesel e muito mais gerador de emprego do que o diesel.

E os nossos queridos companheiros da Petrobras vão continuar fazendo pesquisa, vão continuar fazendo prospecção, porque como o petróleo está muito caro, a gente vai logo exportar petróleo e vai logo entrar na Opep e vamos utilizar o álcool, que nós temos condições, e vamos utilizar o biodiesel.

Talvez, em mais um mês e meio, nós vamos a Belém do Pará inaugurar a primeira planta que está produzindo óleo diesel e vamos ter os primeiros caminhões, tratores e ônibus andando com 2% de biodiesel no óleo diesel. Quem sabe logo, logo a gente aumente para 5%, e quem sabe logo, logo a gente tenha carro produzido no Brasil funcionando a diesel. E eu acho que isso é uma coisa que pode gerar muitos empregos no nosso querido Nordeste.



O outro projeto que nós temos para o Nordeste é a Transnordestina. É uma ferrovia que liga grande parte do Nordeste brasileiro, que de forma irresponsável foi desativada nas últimas décadas, e nós achamos que no Nordeste brasileiro, diferentemente de outras regiões que precisam, primeiro, ter investimento para depois vir a obra, nós temos que oferecer a infraestrutura, para depois a gente convencer aqueles que têm capital a investir no Nordeste brasileiro, para que a gente possa explorar parte da riqueza que nós somos capazes de produzir nesta região do Nordeste.

E um outro projeto para o Nordeste, este muito mais, Governadora, para o turismo brasileiro, é a BR-101 Nordeste que, aliás, é uma rodovia que vamos duplicar, que vai do Rio Grande do Norte até Salvador, onde o turista pode transitar de carro numa rodovia moderna, permitindo a criação de pousadas, permitindo a geração de empregos, permitindo o desenvolvimento desta região. Era para termos lançado o edital no dia 15, agora, mas o Tribunal de Contas da União encontrou uma falha. Mas, hoje, os senadores devem ter uma reunião com o Presidente do Tribunal de Contas para ver se a gente agiliza isso, porque é cada confusão que a gente arruma, ou no Tribunal de Contas, ou no Ministério Público, ou no Ibama. Às vezes uma obra demora mais um ano, mais dois anos para começar e o Nordeste não pode esperar esse tempo todo, nós temos que agir rapidamente para que a gente possa fazer.

E por último, a questão da reforma agrária. Eu tive a oportunidade de ir ao congresso da Contag na semana passada e eu quero dizer para vocês uma coisa que me angustia neste país. É que de vez em quando eu via uns números “o governo assentou 200 mil famílias” aí eu lia outro número “300 mil propriedades abandonadas no campo”; “800 mil pessoas deixam o campo”. Então, eu comecei a pensar: tem alguma coisa que não está funcionando bem. De um lado eu assento 100, de outro lado, eu pego 100 mil pessoas que não têm terra e coloco no campo, e eu permito que 300 mil que já estão no campo abandonem o campo e vá para a cidade. Espera aí, alguma coisa está errada.



Então, o que nós resolvemos fazer? É preciso ter uma política agrícola muito forte, e essa política agrícola muito forte significa a gente privilegiar com financiamento a agricultura familiar, porque milhões de brasileiros e brasileiras já têm a terra, já têm a escritura, então, é preciso dar financiamento, e por isso aprovamos 7 bilhões no orçamento para o Pronaf.

Qual é o problema que nós enfrentamos? Aqui está o companheiro do Banco do Brasil, aqui está o companheiro do Banco do Nordeste, aqui está o companheiro do Basa. A verdade, e eles são testemunhas do que eu vou falar, é que os bancos públicos brasileiros tinham desaprendido a receber os pequenos neste país. Eram poucos os gerentes desses bancos que estavam preparados para receber um agricultor de 10 hectares de terra. Era muito difícil. Eles estavam acostumados a emprestar dinheiro para os graúdos e não para os pequenos. E nós resolvemos mudar e essa mudança implica em mudança de hábitos, em mudança de orientação, em mudança de costume, em cobrança quase que direta para que os bancos voltem a funcionar. E a informação que eu tenho é que este ano já houve uma evolução extraordinária. E está melhorando, nós já estamos quase triplicando o que foi aplicado no nosso primeiro ano.

Agora, criamos o Pronaf Mulher, minhas queridas companheiras, qual é a perspectiva do Pronaf Mulher? Porque nós criamos o Pronaf Mulher e o Pronaf Jovem, para garantir que o filho também tenha direito a um financiamento. Mas nós não podemos permitir que haja qualquer engano no Pronaf Mulher.

Nós temos informações que no Pronaf Mulher tem companheira que está tirando o seu empréstimo para ajudar no projeto do marido, ou seja, é bobagem ela fazer isso. É melhor ela construir um novo projeto e esse dinheiro servir para o novo projeto porque pode dobrar a renda dentro de casa, pode dobrar a renda da família.

Agora, nós também sabemos que isso é uma questão cultural, a gente



não vai mudar do dia para a noite, é um trabalho que os sindicatos vão ter que fazer, os prefeitos vão ter que ajudar, os governadores vão ter que ajudar e o governo federal, através do Ministério do Desenvolvimento, da Secretaria da Mulher e de todos, vão ter que trabalhar muito, para que a gente mude os hábitos culturais neste país e que a gente possa ter a certeza de que o dinheiro vai chegar onde a gente quer que chegue e no público que a gente quer que chegue, que é a mulher trabalhadora e, sobretudo, a mulher trabalhadora rural.

Isso é extremamente importante porque agora descobrimos um outro problema Raimundinha. É que as mulheres, mesmo que elas queiram fazer um projeto novo, elas dizem para o marido: você vai cuidar da sua mandioca que eu vou plantar o meu roçadinho de milho, eu vou plantar o meu roçadinho de palma, de qualquer coisa. Mesmo que ela diga isso, ela vai ao banco. Chega no banco descobre que ela não tem documento, ela não consegue fazer o financiamento.

Eu quero fazer um apelo e aí Miguel, companheira Nilcéa, companheira Governadora, aos Ministérios ligados à área dos direitos humanos. Nós vamos ter que fazer uma verdadeira guerra para que todas as pessoas tenham facilidade de tirar os seus documentos, para que a pessoa possa chegar no banco e provar que é apta a fazer um empréstimo, porque senão não adianta nada, você coloca o dinheiro à disposição, a companheira não tem documento, ela nunca vai poder provar que precisa daquele empréstimo.

Essa é uma tarefa que nós vamos fazer, mas não é uma tarefa só para o governo, seja ele municipal, estadual ou federal, é uma tarefa para as organizações, para as pessoas que estão organizadas em sindicatos, que estão organizadas em comunidades, como vocês, para a gente começar a fazer disso um grande movimento e tirar o documento dessas pessoas.

Essas coisas podem avançar na medida em que a gente trabalhe para avançar porque, senão, se depender das coisas lá de cima, até chegar aqui embaixo, minha filha, demora, e demora muito as coisas chegarem. Muitas



vezes a lei é aprovada no Congresso; depois de aprovada no Congresso ela tem que ser regulamentada, e essas coisas levam dois anos.

Eu anunciei, quando fui a Mossoró na outra vez, que eu ia voltar dentro de 45 dias para ver um poço da Petrobras lá. Olha o que aconteceu, na verdade: aquele poço, eu fiquei sabendo dele em 1993 – está aqui o meu amigo Crispiniano, nosso grande poeta de Mossoró – eu vi aquele poço em 1993. Voltei, agora, e pedi para a Petrobras: você pode abrir aquele poço? aquele poço está fechado, abriu. Só que eu não tinha em conta que entre abrir o poço e fazer a água chegar às pessoas envolve outros Ministérios, sobretudo o Ministério da Integração e o Ministério das Cidades, porque tem 32 quilômetros de dutos para levar água.

Eu espero que em mais uns dois meses eu esteja voltando a Mossoró, não é privilégio eu vir três vezes a Mossoró em pouco tempo, mas é porque tem uma passagem histórica minha em Mossoró, e eu quero ver se a gente consegue fazer aquele poço, colocar água para as pessoas beberem. Em 1993, quando eu cheguei aqui, o diretor da Petrobras me chamou e falou o seguinte: “Lula, nós abrimos um poço, tem 300 mil metros de água por hora de vazão, me parece, ou 250 mil. A gente queria fazer um acordo para que o governo comprasse uma bomba e a gente instalaria. O governo não tem dinheiro, nós vamos ter que tamponar o poço.” E fechou o poço. Eu fiquei com uma pena “desgraçada” porque no lugar em que o povo está precisando de água, a gente acha água e tem que fechar o poço porque não tem uma bomba. Então, agora, esse poço vai ser reaberto e, se Deus quiser, a gente vai poder beber água desse poço. Não vai poder recuperar o tempo em que a gente não bebeu, e também não pode beber demais porque morre se beber muita água de uma só vez. Mas a gente, aos poucos, vai esquecer que um dia teve alguém irresponsável que permitiu que um poço fosse fechado, ao invés de jogar água para o nosso povo beber.

Por último meus companheiros, eu quero dizer às mulheres brasileiras



que vocês já são maioria na população brasileira, já são 52%, vocês já têm cargo de vereadora, de prefeita, de governadora, eu espero que vocês não sejam desafortadas e não comecem a pensar logo na Presidência da República, não. Eu espero que vocês vão devagar com essa pressa de poder. Quando eu estava no Sindicato eu dizia: os direitos das mulheres e as liberdades que as mulheres precisam não são dádivas de nenhum homem, serão conquistas das mulheres brasileiras.

Eu diria que as mulheres brasileiras conquistaram muito, e eu acho que pode ser conquistado muito mais. E quero dizer para vocês que não basta estar na lei, não basta estar na Constituição, porque nós temos na Constituição que as mulheres tem que ser tratadas em igualdade de condições, mas nós sabemos que a mulher ainda ganha a metade que o homem, mesmo cumprindo o mesmo serviço. Essa coisa depende muito de nós. Aqui tem muitos companheiros, nós temos que provar a cada dia se nós queremos, de verdade, a liberdade da mulher, nós temos que provar a cada dia se nós somos companheiros da mulher, se na hora de fazer o serviço de casa a gente fica sentado na frente da televisão pedindo para a mulher fazer o serviço que a gente poderia ajudá-la, desde cuidar das crianças até o serviço de dentro de casa, que faz parte da construção do mundo novo que todos nós queremos construir.

No mais, um grande abraço, que Deus abençoe vocês, e até outro dia, se Deus quiser.



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lida por ocasião da cerimônia de batismo e lançamento do submarino Tikuna**

É com grande satisfação que compareço ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro para participar de um evento que representa um marco importante na história da indústria naval brasileira: o lançamento do mais avançado submarino já construído no nosso país.

Quero dizer a todos os senhores que o lançamento do submarino Tikuna aumenta meu orgulho pelo Brasil e pela Marinha brasileira, que tem sabido superar as dificuldades e está colhendo excelentes resultados no seu reaparelhamento.

A indústria naval brasileira encontra-se em notável processo de recuperação, dando prova de que possui todas as condições de fabricar as embarcações que este país necessita, além de gerar emprego e renda e contribuir cada vez mais para o desenvolvimento nacional.

Nossos estaleiros estão se capacitando novamente e revertendo o declínio observado nas últimas décadas. E o governo está apoiando esse processo por meio do financiamento público de projetos voltados para o aprimoramento da infra-estrutura nacional e da busca de novas parcerias com a iniciativa privada.

O nível tecnológico atingido pelo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro confere credibilidade e estatura ao poder naval brasileiro. Ampliamos não só nossa capacidade de assegurar a defesa nacional e a projeção dos interesses brasileiros no concerto das nações, mas também os instrumentos para fazer valer nossos direitos na Amazônia Azul.

Estou certo de que a Marinha é, e continuará sendo, fundamental para que o país cresça, prospere de forma soberana e difunda os valores de paz, democracia e justiça no cenário internacional.



Parabéns, portanto, a todos os envolvidos neste projeto, que coloca não só a Marinha, mas também o Brasil, num elevado patamar de respeito e admiração mundial.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia por ocasião da visita a áreas atingidas pela seca na região Sul  
Coronel Freitas-SC, 16 de março de 2005**

Meu querido amigo e companheiro, governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da Silveira,

Meu amigo Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,

Meu companheiro e amigo Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,  
Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro José Fritsch, secretário especial da Aqüicultura e Pesca,

Nossa querida senadora Ideli Salvatti,

Meus queridos companheiros deputados Valdir Colatto, Jorge Boeira, Cláudio Vignati, Luci Choinacki, Adão Pretto, Henrique Fontana, Orlando Desconsi, Maria do Rosário, Beto Albuquerque, Paulo Pimenta,

Meu querido amigo Milton Mendes, presidente da Eletrosul,

Meu querido deputado Marco Maia, que está aqui, e não colocaram o nome dele na minha nominata,

Meus queridos representantes da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Rio Grande do Sul,

Da Fetraf, o companheiro Tortelli,

O companheiro Valmir,

Meu caro prefeito Lenoir Pelizza, prefeito de Coronel Freitas,

Meus amigos e amigas, prefeitos e prefeitas da região,



Vereadores aqui presentes, vereadoras,  
Secretários e secretárias de Estado e do estado de Santa Catarina,  
Meu caro Saretta, nosso prefeito de Concórdia,  
Meus amigos e minhas amigas,

A alegria de estar aqui, no meio de vocês, é muito maior do que as medidas anunciadas pelo nosso governo no último dia 11, pelo ministro Miguel Rossetto. E eu estou aqui, apesar de já ter chovido na região, porque no dia 3 de março, quando fiz a reunião com os movimentos sociais e com os deputados, eu assumi o compromisso de que na semana seguinte nós anunciaríamos as propostas e na outra semana eu viria à região, independentemente se chovesse ou não.

Estou aqui para dizer para vocês que nestes momentos de crise, em que Deus muitas vezes nos chama a atenção, ao invés de ficarmos apenas reclamando dos acontecimentos, é preciso que a nossa sabedoria permita que a gente, com muita tranquilidade, discuta os próximos anos das nossas vidas e das nossas famílias.

Para um pernambucano que, em 1952, saiu de Garanhuns fugindo da seca e que durante esses anos acompanhava, pela imprensa brasileira, o infortúnio da seca no Nordeste, era difícil acreditar que um dia eu viria ao Sul do país discutir a questão da seca, era muito difícil. Para nós, nordestinos, é humanamente impossível imaginar que o Sul, região considerada a mais rica do país tivesse, no começo do século XXI, os mesmos problemas que nós temos, já detectados há mais de 300 anos.

E é muito importante que a gente atente para a rapidez com que o movimento social – com a participação de sindicatos representados pela Fetraf-Sul, da Via Campesina, do MAB e de todas as entidades reunidas no Palácio do Planalto – para a rapidez com que as medidas foram tomadas e anunciadas



para vocês. Isso, porque nós estamos acumulando experiências, tanto para enfrentar a seca, quanto para enfrentar a cheia.

Vejam vocês, no dia em que eu estava reunido com o movimento do Sul do país para discutir a seca, meia hora depois que terminei de discutir a seca de uma região que eu pensava que não tinha seca, eu me reuni com a prefeita de Teófilo Otoni, em Minas Gerais, uma região seca, para discutir as enchentes que estavam acontecendo em Teófilo Otoni. E eu pensei: mas Deus é sábio mesmo. De vez em quando Deus nos dá um puxão de orelha para que a gente utilize mais a nossa cabeça, a nossa inteligência e para que force a gente a pensar no nosso futuro com muito mais sabedoria e com muito mais garantia.

Nenhuma cidade brasileira pode deixar de pensar no seu desenvolvimento regional, criando as condições para não ficar dependendo apenas de uma atividade econômica. É preciso que a gente utilize com sabedoria a multifuncionalidade da nossa cabeça para que a gente tenha várias formas de produção numa cidade e que não fique dependendo apenas de uma, porque quando a gente depende apenas de uma forma de produção e acontece um infortúnio, todos perdem.

Então, é preciso criar alternativas e foi por isso que nós, no ano passado, criamos o seguro-agrícola. Eu fiquei imaginando: nós temos apenas dois anos de governo, Dirceu, mas o problema da seca no Brasil, a atividade econômica vinda da agricultura é uma coisa milenar na humanidade, é uma coisa secular no Brasil e nós temos tanto uma agricultura familiar forte como temos uma agricultura empresarial muito forte e eu comecei a pensar, discutindo com o Rossetto e com outros companheiros, até pela experiência das andanças que fizemos aqui, nas Caravanas da Cidadania.

A agricultura é uma atividade econômica que depende de duas coisas básicas: ela depende do tempo ou depende de muito investimento em tecnologia. Se não há investimento em tecnologia, se não há um processo de irrigação, se não há outros mecanismos de tecnologia, o que acontece? A



pessoa depende apenas das intempéries, do sol e da chuva. Ora, se há uma atividade em que nós dependemos muito da chuva ou do sol e não está em nosso poder garantir se vai chover ou se vai fazer sol, eu me pergunto: porque há 20, 30 ou 40 anos as elites políticas que governaram este Brasil, até agora, não pensaram em criar um seguro-agrícola?

Um seguro-agrícola que garanta ao produtor a certeza de que com qualquer tempo ele pode perder a safra, mas não vai perder a condição de sustentar a si e a sua família e não vai perder a oportunidade de, na próxima safra, já ter um recurso para que comece a atividade econômica o mais rápido possível, porque antes do seguro-agrícola era uma negociação interminável para a rolagem da dívida e os pequenos, sempre com menos possibilidades de renegociar. Às vezes, tinham como única solução abandonar a sua propriedade no campo e irem definhar na periferia de uma grande cidade, às vezes, vivendo em condições subumanas e voltando, com o tempo, a ser um sem-terra, brigando para conquistar um pedaço de terra que ele tinha e abandonou por causa da falta de apoio para a agricultura familiar deste país.

Eu sei que nós estamos longe, ainda, de completar as realizações que todos nós sonhamos. Um sonho que não foi construído pessoalmente por mim e por nenhum de vocês, foi construído pelo acúmulo da experiência dos movimentos sociais neste país. Eu me lembro, meu caro Tortelli, que quando eu tomei posse eu disse ao companheiro Miguel Rossetto: não se preocupe com a quantidade de pessoas que você tem que assentar, nós temos que assentar o máximo possível, mas o modelo de reforma agrária que nós queremos não será medido apenas pela quantidade de pessoas que foram assentadas, será medido também pela quantidade de gente a quem levamos assistência técnica, financiamento, seguro-agrícola, garantia de preço mínimo, luz e outras condições para que a juventude, sobretudo do interior, sinta prazer em trabalhar no campo, em trabalhar a sua terra e a terra do seu pai.



Foi por isso que, pela primeira vez na história do Brasil, nós incluímos no Pronaf o Pronaf Mulher, para garantir que a companheira casada, e o seu companheiro possam fazer dois financiamentos, ao invés de um único financiamento. O marido pode pegar um financiamento para plantar qualquer coisa: milho, batatinha, soja. Mas a mulher, independentemente do marido, também tem o direito de ir ao banco e fazer um financiamento para plantar uma outra roça.

Essa foi a grande revelação do ano passado, que ainda não tem o sucesso que nós gostaríamos que tivesse porque não há o hábito, neste país, de fazer políticas que favoreçam a questão do gênero, sobretudo, a questão da mulher brasileira.

Depois, no mesmo Programa, nós incluímos o Pronaf Jovem, para garantir que o jovem de 18, de 19, ou de 20 anos pudesse fazer um financiamento, independentemente do financiamento do pai ou da mãe, para que ele sentisse o prazer de ter a sua própria roça, sem ficar dependendo ou vivendo às custas do sacrifício do pai ou da mãe. Essa é uma conquista da juventude deste país e, sobretudo, da juventude desta região que, na Caravana da Cidadania, colocava para mim a necessidade de ter políticas especiais para convencer a juventude a trabalhar no campo e a viver do campo, sem ir para a grande cidade, às vezes, à procura de uma chance de sobrevivência.

E nós culminamos todo esse trabalho pensando na agricultura familiar, com o anúncio dessas medidas que foram colocadas aqui. Mas ainda é pouco. É pouco e nós precisamos agora, de forma estruturante, pensar que políticas vamos ter para que a gente não seja mais vítima de uma seca ou de uma enchente. Que a gente tenha mecanismos que, mesmo quando tiver seca, ao invés de reclamar de Deus ou de quem quer que seja, a gente se conforme que o ser humano ainda não aprendeu a enfrentar essas situações e que o Estado brasileiro, envolvendo os três entes federativos: governo federal, governos estaduais e prefeituras, crie mecanismos para dar à família brasileira a



tranqüilidade necessária para que ela possa atravessar os momentos difíceis que a natureza causa a todos nós.

E falo isso de coração, porque determinei ao meu companheiro Ciro Gomes que estudasse profundamente a questão da seca do meu querido Nordeste e que a gente resolvesse, de uma vez por todas, fazer a chamada transposição das águas do rio São Francisco, para levar água de beber para mais de 12 milhões de famílias que, às vezes, têm que carregar na cabeça uma lata d'água de um açude por 18 léguas, água que nenhum ser humano, se pudesse escolher, teria coragem de beber. E, se Deus quiser, este ano, ainda no primeiro semestre, vamos licitar obras e começar uma obra que D. Pedro, em 1846, sonhou fazer e não conseguiu. Eu acho que no século XXI nós precisamos garantir que o povo pobre deste país não fique subordinado a muitos mercenários que, através de caminhão-pipa, vendem água para tirar o pouco de recurso que o pobre ainda tem neste país.

Só não tem preocupação com isso quem não sabe o que é a seca, só não tem preocupação com isso quem não sabe o que é ver seu único animal, a cabrinha ou a vaquinha que dá o leite para o seu filho, morrer de sede na porta da sua casa; só não tem preocupação com isso, muitas vezes, quem mora em apartamentos confortáveis com ar-condicionado, tomando água engarrafada todo dia e não se preocupa que os seus irmãos estejam morrendo de sede no Sul ou no Nordeste deste país.

Nós temos consciência de que o exercício do mandato é muito temporário e o governante não pode nunca deixar de ser ele mesmo para se transformar no personagem governante porque, se assim o fizer, quando terminar o seu mandato, ele vai olhar para a frente, para trás e para os lados e vai se perguntar: "Onde estão todos aqueles meus companheiros que batiam nas minhas costas? Onde estão todos aqueles companheiros que eu pensei que estavam comigo quando eu estava no poder?" E ele vai perceber que o povo nunca está com o governante, o povo está com o homem, o povo está,



não com o presidente da República ou com o governador, ele está com o cidadão Luiz Inácio Lula da Silva, ou com o governador Luiz Henrique, pelo seu comportamento, pelo seu compromisso, pela sua história e pelas coisas que ele pretende realizar.

É por isso que eu vim aqui. Tinha gente que dizia: “Lula, não vai lá, você vai lá e está tendo a seca, você vai encontrar um clima pesado contra você”. Eu só sou presidente da República por causa de vocês. Só. Se um dia, por mais grave que seja um problema, por mais desgraças que estejam acontecendo nas nossas vidas, eu não tiver coragem de me encontrar com o meu povo, é porque eu estou fazendo alguma coisa errada.

Mas, enquanto eu tiver consciência de que estou fazendo as coisas que acredito, mais do que isso, fazendo as coisas que eu posso, para dizer “não” ou para dizer “sim”, para anunciar pouco ou para anunciar muito, ou até para anunciar nada, podem ter certeza, meus companheiros trabalhadores de Santa Catarina, do estado do Paraná que estão aqui, e do Rio Grande do Sul, que eu estarei junto com vocês nos bons e nos maus momentos, pedindo a Deus que nos dê mais melhores momentos do que maus momentos.

Muito obrigado, boa sorte a vocês e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de celebração dos 150 anos da cidade de Aracaju e assinatura  
de atos entre o governo federal e a prefeitura de Aracaju**

**Aracaju-SE, 18 de março de 2005**

Excelentíssimo senhor João Alves Filho, governador do estado de  
Sergipe,

Meu caro companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,

Meu companheiro Olívio Dutra, ministro das Cidades,

Meu caro ministro Carlos Brito, do Supremo Tribunal Federal,

Meu querido companheiro Marcelo Deda, prefeito de Aracaju, e sua  
companheira Eliane Aquino,

Ministro César Rocha, do Superior Tribunal de Justiça,

Dom José Palmeira, Arcebispo de Aracaju,

Desembargadora Marilza Maynard Salgado de Carvalho, presidente do  
Tribunal de Justiça,

Meus queridos companheiros deputados estaduais, deputados federais,

Meu querido companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa  
Econômica Federal,

Meu querido José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras,

Meu caro Edvaldo, nosso querido vice de Aracaju e sua companheira,

Vereador José Ramos da Silva, presidente da Câmara Municipal,

Nossa querida companheira Alexandra, secretária do Patrimônio da  
União,

Meus amigos,



Minhas amigas,

Meus companheiros e minhas companheiras de Aracaju. Permitam-me chamá-los de companheiros e companheiras, porque foi assim que nós nos conhecemos.

Eu estava ouvindo o companheiro Marcelo Deda falar e estava me lembrando que venho a este estado e a esta capital desde as eleições de 1982. Participo de todas as campanhas. E eu me lembro de uma campanha memorável, que foi a primeira campanha do Marcelo Deda, candidato a prefeito de Aracaju, em 1985, ainda muito menino, 20 anos atrás, portanto. Ele era muito garoto, recém-saído da universidade. E talvez tenhamos feito aqui, nesta cidade, a mais bela campanha – eu não participei da última – mas uma das mais belas campanhas que nós fizemos no Brasil, porque, embora o Deda soubesse que era difícil ganhar as eleições, o dado concreto é que, pela primeira vez, a juventude tinha entrado numa campanha tendo, num candidato a prefeito, o seu representante mais importante daquela época.

E o Deda não ganhou. Mas, a partir daquele momento, Aracaju ganhou uma liderança política, ganhou uma referência política que, depois, foi deputado estadual, que depois perdeu as eleições e que, depois, soube, com muita humildade, levantar a cabeça, voltar a ser deputado federal, ser candidato a prefeito, ganhar as eleições e ser reeleito com o reconhecimento extraordinário do povo desta cidade.

Eu, aqui, participei de campanha com o companheiro Jacques Barreto, participei de campanha com o Gama, participei de campanha com o Valadares. E todas as vezes que eu vinha aqui, eu sentia que essa cidade tinha uma coisa muito importante: conseguia visualizar na cara de cada homem e de cada mulher, um desejo muito grande de mudar, cada vez mais, a situação da sua cidade para melhor. Não se via, em nenhum comício, sinal de desesperança, de desalento, por parte das pessoas. E eu acho que isso combina com a



história que o Marcelo Deda contou aqui, da trajetória do povo de Aracaju, nesses seus 150 anos.

É muito importante, para mim, estar aqui quando Aracaju completa 150 anos, esta cidade que, em 1989, 1994, 1998 e 2002... se dependesse de Aracaju eu já teria sido presidente da República em 1989.

Mas eu queria aproveitar, companheiro Marcelo Deda, para dizer a você que nesses dois anos de governo ainda estamos muito longe de fazer tudo aquilo que motivou a gente a participar da vida política do país. Mas estou consciente de que estamos dando os passos certos para que o Brasil tenha um crescimento econômico e uma política de distribuição de renda que sejam uma coisa constante, que sejam um ciclo duradouro, por muito tempo, e não sejam aquelas fantasias ou ilusões em que, muitas vezes, as pessoas vão dormir com muita esperança e acordam, no outro dia, sufocadas no desespero.

O Brasil, hoje, Marcelo Deda, só para você ter noção do que aconteceu nesses dois anos, nós tomamos como decisão primeira fazer um processo de integração da América do Sul, partindo do princípio de que se nós conseguíssemos unir os países com uma certa similaridade, com uma certa proximidade e com condições econômicas mais ou menos parecidas, nós iríamos ganhar força para as negociações nos fóruns internacionais.

Sabe o povo brasileiro que o Mercosul estava praticamente destruído quando nós assumimos. Havia uma descrença que o Mercosul não daria certo e, dois anos depois, não apenas o Mercosul está consolidado enquanto um bloco econômico, comercial, político, como toda a América do Sul se juntou e nós criamos a Comunidade Sul-Americana de Nações, o que é um passo importante para que toda a América do Sul esteja filiada ao Mercosul. Isso significa que, nesses dois anos, as nossas relações comerciais cresceram, só em 2004, 82% com a América do Sul.

Antes havia o hábito, no Brasil, o costume ou a cultura política, de que nós deveríamos manter relações apenas com os Estados Unidos e com a



União Européia e que o restante era pobre, a gente não deveria dar importância. Nós não precisamos brigar com os Estados Unidos, não precisamos brigar com a União Européia, e a experiência que eu trouxe do movimento sindical é que, quanto mais parceiros você tiver, mais você tem chance de ocupar espaço num mundo globalizado, onde o poder econômico e o poder tecnológico têm determinado as regras e as conquistas dos países no mundo inteiro.

E nós, então, fizemos uma opção pela unidade política do Continente. Isso fez com que nós criássemos o G-20 lá em Cancun, onde participam China, Índia, África do Sul e quase todos os países da América Latina. Com esse bloco, nós estamos partindo para disputas comerciais na Organização Mundial do Comércio e temos tido vitórias muito importantes.

Recentemente ganhamos, na OMC, a questão do subsídio ao algodão americano. O governo americano subsidia o seu algodão, torna-o mais barato, prejudica os países mais pobres, sobretudo os africanos, e nós conseguimos na OMC uma vitória extraordinária, favorecendo não apenas o Brasil, mas os países africanos, sobretudo muitos que têm no algodão a base da sua economia. Muita gente dizia que não íamos ganhar; na hora em que nós topamos a briga, nós ganhamos e está consolidado. Ganhamos a briga do açúcar com a Europa. A Europa tem um subsídio muito grande ao açúcar. Nós entramos com um processo na Organização Mundial do Comércio, diziam que a gente não ia ganhar e que era loucura enfrentarmos um bloco econômico como a União Européia. Ganhamos e, mais recentemente, ganhamos a questão do frango salgado, que a União Européia entendia que não era carne.

Essas três vitórias nossas são um marco decisivo para consolidar uma coisa que eu disse na minha primeira viagem internacional: nós haveremos de mudar a geografia comercial do mundo se a gente souber fazer parceria com países que têm pensamentos estratégicos como o Brasil para enfrentar os dois blocos que são hegemônicos no mundo: de um lado, os Estados Unidos, e de



outro, a União Européia. E nós estamos conseguindo isso, eu diria, até com uma certa facilidade, porque o mundo descobriu que graças à unidade de países, como Índia, China, Brasil, México, Argentina, África do Sul, a gente está conseguindo unificar outros países menores que vêm, no nosso comportamento, uma representação sua.

E hoje, Deda, eu poderia te dizer, com a experiência que eu tenho, que poucas vezes na sua história, o Brasil teve a respeitabilidade internacional que está tendo, e é por isso que nós conseguimos, no dia 2 de março, agora, bater o recorde de todos os tempos da história do Brasil, exportando 100 bilhões de dólares e tendo o superávit comercial de 36 bilhões de dólares, coisa que muita gente imaginava que nós só iríamos atingir em 2010. Atingimos no segundo ano de governo e vamos caminhar agora para, quem sabe, 112, 115 bilhões, ou seja, nós ultrapassamos a casa dos 100, agora nós queremos muito mais. Nós temos consciência de que podemos e temos consciência de que vamos conquistar.

E o que significa isso? Significa que nós tivemos, Marcelo Deda, um crescimento na nossa economia de 5,2% no PIB de 2004, quando muitos analistas diziam que nós não iríamos ultrapassar um crescimento de 3,5%. Isso significa a geração de 2 milhões de novos empregos com carteira profissional assinada, o maior número desde 1992. Desde 1992 que não se criava esta quantidade de empregos.

Mais importante ainda, Marcelo Deda, é o crescimento industrial. Nós crescemos no ano passado. Somente em 1986 é que o Brasil teve um crescimento acima do que nós crescemos em 2004, numa demonstração de que o acerto das nossas determinações de fazer com que, de um lado, a gente controle a inflação e, de outro lado, a gente facilite os investimentos, sobretudo dos bancos públicos, para a indústria brasileira crescer, tem dado o resultado que nós estávamos esperando.



A nossa idéia e a nossa fixação é não permitir que o processo eleitoral atrapalhe o que nós estamos fazendo porque no Brasil, muitas vezes, por conta de uma eleição, o governante se deixou levar pela facilidade do voto, gastou o que não tinha, permitiu que acontecessem coisas que não deveriam acontecer, ganhou as eleições e não conseguiu governar depois. Eu digo todo santo dia: eu não tenho que governar pensando na próxima eleição; eu tenho que construir a solidez de uma política econômica e social capaz de dar frutos para os nossos netos daqui a dez ou 15 anos, para que o Brasil não jogue fora a oportunidade de se transformar numa economia forte, de se transformar num país definitivamente desenvolvido e que o seu povo possa ganhar, definitivamente, a cidadania.

Eu dizia ao Governador, no Aeroporto: o que nós colocamos de dinheiro em circulação neste país, nesses dois anos, possivelmente nem os bons economistas do nosso país imaginavam que fosse capaz de o chamado “crédito consignado” ter o sucesso que teve no ano passado. Foram praticamente 14 bilhões de reais que o trabalhador conseguiu, ter acesso no banco, com desconto em folha, para pagar menos de 50% do juro que habitualmente ele estava pagando. Foi a aprovação do Estatuto do Idoso, que estava há 13 anos no Congresso Nacional, que colocou mais 3 bilhões de reais no mercado brasileiro.

Foi o programa Bolsa Família que, aqui em Aracaju, deve ter por volta de 16 mil famílias recebendo, foi o Bolsa Família que chegou a colocar 7 bilhões de reais para circular neste país.

E agora, Marcelo Deda, entre os aposentados, e agora vai entrar o micro-crédito, muito fortemente, para que a gente possa fazer com que a economia brasileira não fique dependendo apenas de possíveis dinheiros de fora que venham para cá, ou da vontade dos grandes investidores. Nós queremos que venham para cá todos os recursos do mundo, queremos que os nossos investidores invistam quanto quiserem, mas nós precisamos criar uma



economia baseada na capacidade de financiamento que o Estado brasileiro tem que dar para aqueles que, sendo brasileiros, querem se transformar em microempresários, em pequenos empreendedores e fazer da sua criatividade, com um pouco de ajuda do Estado, um meio de sustentar a si e a sua família.

Começamos 2005 numa situação que eu poderia dizer “de boa” para “ótima”. Governador, eu dizia antes da campanha que se eu não fizesse pelo Nordeste o que precisa ser feito, dificilmente outro governo iria fazer. Este mês, possivelmente no final do mês, ou no mês de abril, nós estaremos viajando pelo Brasil e inaugurando plantas do biodiesel. O biodiesel será produzido sobretudo na região do Nordeste e, sobretudo, no semi-árido da mamona, para que a gente possa permitir a geração de empregos nas regiões mais pobres do país e dinamizar a economia das regiões que têm menos possibilidade de crescimento econômico.

Está aqui o meu querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras. Este companheiro sabe que quando nós decidimos fazer o biodiesel criamos um grupo de trabalho com a Petrobras, e eu disse ao José Eduardo: o petróleo é uma coisa tão extraordinária no mundo de hoje, mas, ao mesmo tempo, o Brasil está subordinado ao preço internacional e a gente não tem controle do preço interno, que nós vamos ter que transformar o petróleo numa coisa maravilhosa para exportar. E eu sonho que o biodiesel possa, um dia, ser utilizado nos carros, nas ruas de Aracaju, nas ruas de São Paulo, porque o biodiesel é menos poluente que o óleo diesel, é mais econômico, é mais gerador de emprego e, quem sabe, a gente vá ganhar mais dinheiro com o petróleo, exportando um pouco mais do que nós já exportamos hoje.

Mas não é apenas isso. Era para termos dado ordem de serviço ao começo da BR-101 Nordeste este mês, mas por uma decisão do Tribunal de Contas da União, que exigiu mudanças no projeto, vários senadores do Nordeste foram, anteontem ao Tribunal de Contas discutir para que a gente apresse. E nós vamos dar ordem de serviço, a começar do Rio Grande do



Norte, Paraíba, Pernambuco, depois Sergipe, Alagoas, até à Bahia, para que a gente transforme o Nordeste brasileiro num pólo mais atraente para o turismo do que ele já é hoje. E nós sabemos que com essa BR-101 duplicada vai crescer muito a possibilidade de desenvolvimento do Nordeste brasileiro.

Vamos, também, realizar um sonho antigo do Nordeste, que existiu e foi destruído, que é a Transnordestina, ligando uma parte do Nordeste ao Porto de Pecém, no Ceará, para que possamos fazer com que o Nordeste brasileiro não seja mais visto, em lugar nenhum do mundo, como a região que manda pobres para a parte mais rica do Brasil.

Nós queremos transformar o Nordeste brasileiro num centro de atração de capitais como foi, no começo da década de 40, a região Sul do país. E nós sabemos que para o Nordeste se transformar nisso, nós precisamos ter o dedo do Estado, ter investimento público, criar a infra-estrutura necessária para que o Nordeste brasileiro deixe de ser visto, por mais um século, como a parte mais pobre do país. Eu, que sou nordestino, que vivi em São Paulo desde os sete anos de idade, sei qual é o preconceito jogado contra o nordestino em outras regiões do país. E quando a gente vem a Aracaju e conhece um pouco da história desta cidade é que a gente tem que olhar para cima e dizer: o nordestino não deve a ninguém – nem na vontade de trabalhar, nem na sua capacidade intelectual, nem na sua inteligência – a nenhuma outra praça deste país, porque nós produzimos parte dos grandes homens deste país.

Por isso, meu querido Marcelo Deda, não poderia haver um dia melhor para estar aqui do que no aniversário da cidade, que foi ontem. Mas como você não me convida para a festa, só me convida para trabalhar, eu vim hoje aqui para trabalhar, porque ontem era festa. Ontem, teve até Leonardo, teve “não sei quem”. Se eu viesse ontem eu ia ter que cantar, para ver quem canta melhor: eu ou o Leonardo. E eu resolvi não causar problema para ele, porque aquilo é o ganha-pão dele, o meu ganha-pão é trabalhar.

E Aracaju não está recebendo favor da União, não. Eu quero deixar



claro: o que nós fizemos, aqui, os protocolos que nós assinamos aqui são, na verdade, apenas o reconhecimento de que os Próprios da União, que estão no município, quanto mais nós pudermos passá-los para os municípios, melhor.

Foi por isso que, em 2003, Marcelo Deda me ligou dizendo que tinha um terreno da Aeronáutica aqui, com 2 milhões e 200 mil metros quadrados, pedindo o terreno. Nós conseguimos o terreno, aí o Marcelo Deda falou: “agora preciso de dinheiro para a gente fazer as casas”. Agora, o Olívio Dutra vai ter que arrumar um pouco de dinheiro para fazer as casas.

O ministro Humberto Costa falou, aqui, da política de saúde bucal. Eu aprendi a pegar gosto pela política de saúde bucal aqui, no Nordeste. Eu nunca me conformei em ver uma menina de 18, 19 anos de idade, ou um menino... muitas vezes, num comício, a gente ia conversar e as pessoas tinham medo de conversar, porque já faltavam os dentes da frente.

Eu pedi ao ministro Humberto Costa que pensasse num programa, mas que não fosse um programa pequeno, que fosse o maior programa de saúde bucal da história deste país. E ele, então, com a sua equipe, criou o Brasil Sorridente. Nós vamos criar, até o final do ano que vem, 400 centros de saúde bucal no Brasil, cada centro vai atender uma região de 500 mil habitantes e as pessoas serão tratadas com horário marcado pelo telefone; as pessoas poderão fazer tratamento de canal, as pessoas poderão fazer correção nos seus dentes – até hoje, só uma parte da classe média/alta é que pode fazer – o pobre não pode fazer e nós vamos garantir que o pobre tenha a mesma oportunidade de fazer o tratamento. E, sobretudo, vamos garantir às pessoas que não têm dentes, que têm mais de 60 anos, o direito a uma prótese de qualidade, não aquela que se distribuiu em época de eleição, sem medir sequer o tamanho da boca, mas uma prótese que a pessoa vá ao protético, faça tudo o que tiver que fazer e volte para casa podendo conversar, rir com seus filhos e, porque não dizer, até para namorar fica mais fácil se tiver as coisas todas no lugarzinho certo.



Além disso, eu pensei que o Humberto Costa iria falar, eu não sei se Aracaju já tem mas, se não tiver, nós vamos dar um jeito de fazer, que é a Farmácia Popular. Nós já estamos com dezenas de Farmácias Populares em algumas cidades, garantindo que uma parcela da população tenha acesso a remédios até 80% mais baratos do que numa farmácia comum. E alguns remédios, aqueles que são mais utilizados para hipertensão, para diabetes, o ministro Humberto Costa está fazendo convênio com as redes de farmácias particulares para que esses remédios sejam vendidos com descontos razoáveis, porque são remédios de uso contínuo, as pessoas têm que tomar todo santo dia, e não é justo que deixem metade do seu salário para comprar remédio no final do mês. Então, nós vamos tratar de trabalhar para que a saúde não seja um privilégio de quem tem dinheiro, mas que seja, definitivamente, entendida como uma obrigação do Estado brasileiro garantir, dos mais pobres aos mais ricos, o direito de ser tratado com respeito e dignidade.

Muito obrigado, meus companheiros e meus parabéns para Aracaju. Eu espero estar vivo para vir comemorar, aqui, os 200 anos desta cidade.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de unidades habitacionais do Programa de Arrendamento Residencial (PAR)**

**Aracaju-SE, 18 de março de 2005**

Meu querido companheiro e prefeito da cidade de Aracaju, Marcelo Deda,

Meus queridos companheiros ministros Olívio Dutra, das Cidades, e Humberto Costa, da Saúde,

Meu querido companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meus queridos companheiros deputados federais que estão aqui,

Meu querido José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras,

Secretários da Prefeitura,

Vereadores,

Meu querido povo de Aracaju e de Sergipe,

Na verdade, eu deveria ter vindo ontem aqui, a Aracaju, porque era o grande dia do aniversário da cidade. Afinal de contas, Aracaju completa 150 anos inteira, mais bonita e ainda com muita possibilidade de ficar mais bonita.

E como eu não pude vir ontem, eu disse ao companheiro Marcelo Deda que eu queria passar aqui, porque nós temos muitas parcerias para fazer. Nós vamos à Prefeitura fazer vários acordos com o nosso companheiro Marcelo Deda, para que o governo federal dê a sua contribuição para melhorar ainda mais a cidade de Aracaju.

E vamos fazer isso porque entendemos que o companheiro Marcelo Deda, não apenas se notabilizou como prefeito da cidade de Aracaju pela dedicação e pelo carinho com que ele trata o povo desta cidade, mas porque



ele demonstrou, nestes primeiros quatro anos, uma competência administrativa que pode ser vista na alegria e na interação que o povo de Aracaju tem com o Prefeito que, possivelmente, tem tido uma relação com vocês como deveria ser a relação que todo prefeito tem que ter com o seu povo. O prefeito não tem que ser apenas uma autoridade, ele tem que ser um companheiro, ele tem que estar próximo das pessoas, na medida em que as pessoas necessitam dele.

E vir inaugurar um conjunto habitacional destes me dá, Deda, um duplo prazer. Primeiro, porque normalmente o povo tem uma casinha popular, geralmente bem afastada do centro da cidade; perto da praia, só se for palafita. E nós, aqui, estamos provando que é possível o povo ter acesso a uma casa de qualidade, num lugar de qualidade.

Vocês estão morando próximos da praia, coisa que até então era impossível pensar, ter um conjunto habitacional para a parte, eu diria, mais pobre da população ou da classe média baixa, perto de uma praia. Vocês, agora, podem comprar. E o que é mais bonito é que não é mais apenas um bairro dos ricos, é um bairro de brasileiros e brasileiras, independentemente da religião, da origem social, da cor ou do sexo, ou seja, é um bairro onde moram homens e mulheres, e pode morar o rico de um lado, o pobre do outro. O que importa é que vocês estão tendo acesso a uma coisa que há muito tempo parecia impossível.

E mais ainda, vocês sabem que o Prefeito já está construindo algumas outras casas, porque no primeiro ano de governo, o Marcelo Deda foi a Brasília e me contou a história de um terreno da Força Aérea Brasileira que tinha por aqui, um terreno muito grande, e ele gostaria de fazer umas casas. Nós fomos tratar de preparar a papelada, conversar com a Força Aérea e, hoje, esse terreno de mais de 2 milhões de metros quadrados vai passar para a Prefeitura, para que possa construir mais casas para gente que não são os ricos da cidade, mas a classe média baixa e os mais pobres, num lugar digno, num terreno bom, próximo dos melhores lugares da cidade de Aracaju.



E não estamos fazendo isso apenas em Aracaju. Estamos fazendo isso em quase todas as cidades brasileiras, porque como disse o ministro Olívio Dutra, em dois anos nós já investimos 14 vezes mais em saneamento básico do que nos quatro anos do governo anterior. Até o Zé do Rádio que está aqui, que estava desempregado, está empregado hoje, readmitido. Vocês não sabem o tanto de vezes que eu saia da minha casa, lá em Brasília, e quem eu encontrava na porta do Palácio? Zé do Rádio, atrás de voltar a trabalhar. Aí, o José Eduardo Dutra falou: “bom, para ele não te perturbar mais, Presidente, eu vou levar ele de volta para o lugar dele.”

Então, eu estou consciente de que a experiência que nós estamos tendo na relação com as cidades é uma experiência rica. A gente pode perceber, numa vila como esta, que todas as pessoas que pegaram a casa recentemente já estão fazendo o muro mais alto, o muro mais bonito. A cara da casa é a cara da Caixa Econômica Federal, é a cara da prefeitura, é a cara da empresa que construiu, e essa é a cara da casa que vocês recebem. Mas, quando a pessoa entra na casa, ela dá o toque da cara da família dela. Eu fiquei impressionado com a quantidade de construção que está tendo nas casas novas que foram entregues, por quê? Porque as famílias estão adequando a casa ao seu jeito de ver a sua própria casa. E, aí, isso gera mais empregos, mais renda, tem muita gente que estava desempregada e agora arruma um “biquinho” para fazer, e é assim que o nosso querido Brasil vai se desenvolver, é assim que nós vamos crescer, é assim que eu quero voltar a cada ano a Aracaju e ver, cada vez mais, o Marcelo Deda mais respeitado, mais querido e fazendo muito mais coisas para esta cidade.

Eu quero terminar, Marcelo Deda, dizendo a você que não tenha vergonha nem preocupação de reivindicar as coisas do governo federal; às vezes, a gente nem gosta. Mas, a verdade é que o governo federal sabe e sente um prazer muito grande quando percebe que um dinheiro passado para uma prefeitura é aplicado corretamente, na sua plenitude, em benefício do



povo. E é por isso, Deda, que você não deve ter preocupação de cobrar, de pedir, de reivindicar, porque nós temos consciência de que cada centavo que vier para esta cidade será devolvido para o povo em dobro, não apenas em quantidade de obras, mas em carinho que você dedica ao seu povo de Aracaju.

Muito obrigado, gente, e boa sorte para todos vocês!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração das obras da Avenida São Paulo**

**Aracaju-SE, 18 de março de 2005**

Meu querido companheiro Marcelo Deda, prefeito de Aracaju,  
Meus queridos companheiros ministros de Estado, Humberto Costa, da  
Saúde; Olívio Dutra, das Cidades,  
Nosso querido companheiro presidente da Caixa Econômica Federal,  
Meus queridos companheiros parlamentares, que estão aqui presentes,  
Meu querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras,  
Meu querido companheiro Edvaldo Nogueira, vice-prefeito de Aracaju,  
Vereador José Ramos da Silva, presidente da Câmara Municipal,  
Senhora Alexandra, nossa querida secretária do Patrimônio da União,  
Meus amigos e minhas amigas de Aracaju,

Eu estava vendo a emoção do companheiro Marcelo Deda e estava imaginando que inaugurar uma obra desta magnitude, um complexo viário deste numa cidade como Aracaju deve ser, para um prefeito, quase a sensação de ver um filho nascer. Às vezes, o prefeito passa anos e anos... O Deda disse que começou em 2001, só recebeu 500 mil reais do outro presidente em 2002, e que nos dois primeiros anos do nosso governo o companheiro Olívio Dutra, ministro das Cidades, passou para cá quase 12 milhões de reais, o que concluiu a obra desta cidade.

Um prefeito que está muito próximo do povo e que tem que andar nas ruas para ver os problemas da cidade, quando enfrenta um problema dessa



magnitude e consegue ver essa obra realizada, inaugurada definitivamente, eu acho, Deda, que é a sensação de se deitar na cama, encostar a cabeça no travesseiro e ter o sono merecido daqueles que trabalham honestamente e dedicam parte do seu esforço para ajudar o povo que tanto gosta de você.

Eu estive aqui em 2003, num pedaço desta avenida e disse que voltaria para inaugurar a obra. Hoje, nós estamos aqui para dizer que esta obra não é nenhum presente, não é nenhum favor do governo federal, junto com a prefeitura. Esta obra é uma conquista merecida de um povo extraordinário que é o povo de Aracaju, de um povo que sabe reconhecer aqueles que por eles trabalham, como é o caso do Marcelo Deda.

E vocês sabem que eu tenho com o Marcelo Deda mais do que uma relação partidária, mais do que uma relação de amigos, nós somos compadres. E o Deda sabe que ele tem, na Presidência da República, não um amigo do PT, presidente da República. Ele tem na Presidência da República um companheiro que, junto com ele, fundou esse Partido; que, junto com ele, perdeu e ganhou as eleições; e que, junto com ele está aqui, agora, vendo a cara feliz do povo de Aracaju por ter conquistado este espaço para que a vida de vocês seja cada vez melhor.

Mas, Deda, eu fui informado de que a Avenida São Paulo é uma reivindicação da população de Aracaju há nada menos que 60 anos. Faz 60 anos que o povo reivindica isso. Muitos governantes vieram aqui, em época de eleição, se comprometeram a fazer esta Avenida e nunca fizeram. Eu não prometi fazer a Avenida. Eu prometi ao companheiro Marcelo Deda, que ele não tenha dúvida, que naquilo que o governo federal puder ajudar, Aracaju e as outras cidades brasileiras, nós vamos ajudar, sobretudo aqueles prefeitos que a gente sabe que quando recebem dinheiro federal, aplicam corretamente, para o benefício do setor.

Eu conheço este nosso prefeito e eu sei, companheiros Mattoso, Olívio, Humberto Costa, que cada real que chegar aqui, cada real que cair na mão do



prefeito de Aracaju, eu tenho certeza que 100% será aplicado corretamente na finalidade para a qual o dinheiro chegou aqui, porque o Marcelo Deda, antes de ser prefeito desta cidade, tem um compromisso com o povo de Aracaju e, para ele, a ética e a honestidade não são valores superiores, são uma obrigação do ser humano, que nasceram com ele, herdados do seu pai e da sua mãe.

Por isso eu estou feliz, porque estou inaugurando uma obra, e estou vendo o resultado de parte do dinheiro do governo federal, uma parte do dinheiro que contribuiu todo o povo brasileiro. E aqui está uma obra que o Ministro das Cidades, em qualquer lugar do Brasil em que ele for, certamente terá orgulho em dizer que participou da inauguração da Avenida São Paulo. E muito mais orgulho eu vejo na cara das mulheres e dos homens que estão aqui, porque esta Avenida significa progresso, desenvolvimento, respeito. Normalmente, as grandes avenidas são feitas para atender a parte rica da cidade. Esta avenida foi feita para atender a parte pobre do povo de Aracaju.

Eu acredito, companheiro Deda, que você, que está no primeiro ano de seu segundo mandato, vai poder concretizar nestes próximos quatro anos aquilo... Bom, vai concretizar nos quatro anos, se Deus quiser. Eu tenho certeza de que o Marcelo Deda deve ter sofrido muito no primeiro ano de governo, porque quando a gente entra no primeiro ano, entra com vontade de fazer as coisas e percebe que não tem dinheiro para fazer. E aí, fica agoniado. Eu tenho certeza de que ele passou muitas noites em claro, querendo saber se ia conseguir cumprir aquilo que prometeu para vocês nas eleições. No segundo ano, ele já começou a dar a volta por cima; no terceiro, já deu a volta por cima; e, no quarto ano, transformou-se neste prefeito extraordinário, que serve de referência para os prefeitos brasileiros de todas as capitais.

Eu não sei, meu querido, quanto tempo você vai ficar nesta cidade, governando. O que eu sei é que o Edvaldo está aí. E o que eu sei, também, Deda, é que você vai dedicar o tempo que tiver para fazer de Aracaju uma cidade cada vez mais bonita, que possa atrair mais gente de fora para visitar,



para fazer turismo; que possa atrair mais fábricas para gerar empregos, mais desenvolvimento; que possa garantir que Aracaju passe a ser vista, não como uma cidade pequena do Nordeste brasileiro, mas como uma capital respeitada pelo seu povo, pelo seus administradores e, sobretudo, pelo governo federal, que fará aqui, Deda, tudo aquilo que estiver ao meu alcance.

O Ministro da Saúde está fazendo nesta cidade o hospital aí, ao lado e se Deus quiser logo vocês vão ter o hospital aqui. Da mesma forma que estamos fazendo, junto com o Governador, um grande Pronto-Socorro de atendimento de emergência – não sei se é isso que você está fazendo aqui – reformando o Hospital João Alves. E nós vamos fazer isso não porque o Deda é meu compadre, nós vamos fazer isso porque o povo de Aracaju precisa, porque o povo de Aracaju merece e porque o povo de Aracaju sabe brigar pelas coisas em que acredita.

Deda, eu quero terminar dizendo a você uma coisa: eu estou vendo uma mulher, ali, dizendo que o Banco Popular do Brasil não está funcionando aqui, depois eu até queria que ela conversasse com o Marcelo Deda e dissesse qual é a deficiência, para a gente tentar fazer funcionar, até porque ele foi criado para funcionar. Agora, deixe-me contar uma coisa, estou voltando para Brasília hoje, Deda, e eu queria sair daqui dizendo uma coisa para você: eu acho que você tem noção do que representa para este povo extraordinário, do que você representa para o seu Partido e do que você representa nas reuniões em que participa com os prefeitos do Brasil inteiro. Você, pelo seu jeito de ser, conseguiu se transformar numa referência de inteligência, de competência, de companheiro inigualável, porque é um companheiro que está sempre bem-humorado, sempre alegre, sempre disposto a dar um sorriso para alguém. Eu sei que você apanhou muito nesta cidade, na sua vida política, você já ganhou eleição, você já perdeu eleição, você já ganhou outra vez, e o povo te condecorou com o cargo de prefeito desta cidade. E eu tenho certeza de que a experiência que você está fazendo aqui precisa ser mais divulgada, porque tem



muitas cidades brasileiras que precisam aprender com Aracaju como governar com honestidade, com decência, com respeito e com definição de prioridades.

Quis Deus que Aracaju, ao completar 150 de vida, não tivesse um outro prefeito qualquer governando esta cidade, mas tivesse um homem que não nasceu aqui, mas que adotou Aracaju como a sua terra natal.

Meus parabéns ao povo de Aracaju, meus parabéns ao prefeito Marcelo Deda e meus parabéns ao povo do estado de Sergipe.

Muito obrigado, gente!



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no 2º  
Evento de Reconhecimento Nacional às Micro e Pequenas Empresas  
Hotel Blue Tree Park – Brasília-DF, 23 de março de 2005**

Eu quero cumprimentar, primeiramente, os companheiros da mesa,  
Quero cumprimentar os presentes, os empresários do Brasil inteiro que  
vieram aqui, representando as pequenas e microempresas brasileiras,  
Quero parabenizar os premiados e as premiadas aqui, hoje,

E quero dizer para vocês que não cabe fazer, aqui, o discurso que eu  
trouxe, porque uma das coisas que vocês me ensinaram hoje é que com um  
microdiscurso a gente pode dizer muito mais do que com um grande discurso.

Primeiro, eu senti na fisionomia das pessoas que receberam o prêmio a  
emoção de ver os seus sacrifícios serem reconhecidos; a emoção,  
possivelmente, de pela primeira vez terem vindo a Brasília. Alguns,  
possivelmente, a primeira vez viajando de avião. E ter a empresa de vocês  
premiada e reconhecida por gente tão importante no estado de vocês e,  
também, no âmbito nacional.

Isso é a demonstração de que o ser humano precisa, em primeiríssima  
mão, acreditar nas suas próprias qualidades, acreditar na sua força política de  
promover as coisas que acredita, e acreditar que é possível, a partir daí,  
colocar a emoção de que o Furlan falou, nas coisas que nós fazemos.

Eu acho que não existe nada no mundo que a gente não consiga fazer,  
se tivermos a disposição de fazer. Não existe nada que seja impossível para  
um ser composto com a inteligência do ser humano. Muitas vezes, nos falta



oportunidade. E essa oportunidade é que grupos como Gerdau, governo, instituições como Sebrae podem dar. Muitas vezes, nos falta a vontade de acreditar em nós mesmos.

Eu aprendi uma lição quando o Furlan, pela primeira vez, me convidou para ir a Davos fazer um debate. Eu tinha apenas 25 dias na Presidência da República. E nós fomos ao Encontro Ibero-Americano, em que estavam vários presidentes de países da América do Sul, num jantar oferecido, e teve alguns oradores.

E eu percebi que cada orador que falava lamentava profundamente a pobreza do seu país, lamentava profundamente a miséria do seu povo, lamentava profundamente o descaso que os ricos tinham para com ele. E, antes de falar, eu pensei: “bem, ninguém vai para a frente com tanta energia negativa, assim. Não é possível que um presidente de um país, ao falar para gente de outros lugares do mundo, não consiga passar nada de positivo que acontece no seu país”.

E por que foi uma lição para mim? Porque quando eu tinha chamado o Furlan para ser ministro da Indústria, Comércio e Desenvolvimento, eu tinha dito para ele: “eu preciso de um mascate. Eu não quero um burocrata que conhece tudo na teoria...” Quem é alagoano e quem gosta do Djavan sabe que ele tem uma música em que ele faz a diferença entre a teoria e a prática. O teórico só vê o dia com 24 horas, não consegue distinguir os tempos do dia: a tarde, a noite, a madrugada, a manhã. E o prático consegue dividir o dia em todos os seus tempos, por isso consegue aproveitar melhor esse dia.

E eu dizia: “é preciso alguém prático, é preciso dar praticidade à nossa política de comércio exterior”. Não é possível que este país não consiga participar desse mundo globalizado com a força que o Brasil tem, a força de um país que já tem a imagem positiva por ser um grande exportador de produtos *in natura*, maior exportador de suco de laranja, maior exportador de carne, maior exportador de ferro, maior exportador de café, e por aí vai.



Agora, não é possível que a gente venda uma tonelada de ferro para um país a um preço “desse tamanho”, depois compre um chip “desse tamanho” por um preço “desse tamanho”. Ou seja, é preciso, então, criar as condições para que a gente consiga dar esse salto de qualidade, colocando não apenas a emoção, mas o nosso conhecimento, inteligência e criatividade nos produtos que fabricamos, para que a gente possa competir. E eu sou daqueles que acreditam que o Brasil pode competir com qualquer país do mundo na maioria dos produtos que podem ser comercializados.

O nosso querido ministro Eduardo Campos sabe do apreço e do carinho que a gente tem pela questão da Ciência e da Tecnologia nessa história de tornar o Brasil competitivo. Eu não conheço, na face da Terra, nenhum país que conseguiu atingir níveis de desenvolvimento com o seu povo malformado, com o seu povo profissionalmente despreparado, não conheço.

É por isso que nós tomamos algumas decisões importantes: primeiro, fazer com que a micro... e eu espero, daqui a dois anos, participar de um evento em que vocês já não sejam mais micro, já sejam grandes, porque esse é o objetivo. Quando alguém cria uma empresa, quando alguém começa a produzir um produto, esse alguém não quer ser eternamente micro, ele não tem orgulho de dizer o tempo inteiro: “eu sou micro, nasci micro e vou morrer micro”. Depois de um certo tempo, isso cheira a incompetência. Isso é como o ser humano: nós nascemos pequenos, mas queremos crescer, virar adultos e, no caso da empresa, nunca morrer, mas perdurar. Nós temos exemplos. O Gerdau e o Furlan são testemunhas de que, nas minhas viagens pelo mundo e em debates internos aqui no Brasil eu tenho desafiado os empresários brasileiros a terem coragem de fazer uma competitividade mais competente, de serem empresas multinacionais, de não acharem que nós somos sempre pequenos, sempre Terceiro Mundo, sempre um país em via de desenvolvimento. Nós temos que levantar a cabeça e dizer, acreditar que nós podemos. E se nós acreditarmos nisso, nós faremos. E o mundo está aberto



para nós.

O Gerdau e o Furlan sabem, o Eduardo Campos sabe e muitos de vocês que viajam sabem que poucas vezes na história do Brasil nós gozamos da credibilidade de que estamos gozando hoje, a credibilidade, a simpatia, o apreço pelo Brasil. Nós, agora, temos que aproveitar e transformar isso em possibilidade de fazer com que a nossa capacidade de produzir os melhores produtos chegue a esses mercados, para que a gente possa fazer as nossas empresas crescerem.

Da parte do governo, sabem os nossos companheiros, vocês têm no Furlan, no Eduardo Campos e em outros ministros, companheiros de primeira hora. Nós mandamos para o Congresso, em setembro, a lei da microempresa. Ainda na semana passada eu falei com o Presidente da Câmara que é preciso colocar como prioridade, porque senão fica lá muito tempo e não se vota. E nós queremos criar todas as condições, seja via BNDES, seja via Banco do Brasil, para que as pessoas possam ter a chance de acesso às coisas que precisam para produzir aquilo que vocês sabem produzir, aquilo que vocês sabem fazer.

Eu só quero que vocês saibam o seguinte: se todo dirigente político tivesse consciência de que ninguém nasce presidente, ninguém nasce ministro... nós estamos de passagem aqui, todos nós sabemos que estamos de passagem. Eu não sou Presidente, eu estou Presidente da República. E se todos nós pensarmos isso, nós seremos muito mais abertos, nós seremos muito mais produtivos na nossa ação. E nós seremos muito mais democráticos ao permitir que essas coisas sejam debatidas com vocês, para que a gente possa errar menos ao fazer as leis, ao mandar um projeto. Ou seja, esse jogo tem que ser mais ou menos combinado.

Eu quero dizer para vocês que eu ganhei o dia, hoje, por três coisas: primeiro, porque fiz uma boa reunião com meus ministros e decidimos algumas coisas importantes. Segundo, porque resolvemos a engenharia do sistema ferroviário brasileiro, que estava emperrado há muitos anos. Terceiro, porque



eu senti a emoção de vocês, emoção que faz parte da minha vida.

Eu aprendi, desde muito pequeno, que não é possível fazer as coisas se a gente não sente emoção. Se a gente não sentir no coração aquilo que a gente está fazendo, a gente age como robô, e tanto faz a cor preta como a vermelha, como a branca, ou seja, a gente não consegue fazer distinção.

E eu saio daqui certo de que hoje recebeu prêmio, aqui, um grupo de brasileiros e brasileiras que, certamente, num futuro bem próximo, deixará de entrar no rol dos microempresários e, quem sabe, estará sentado daquele lado, ali, como o Gerdau, ajudando a financiar outros microempresários que virão depois de vocês a ganharem os prêmios e a motivação que vocês ganharam hoje.

Que Deus abençoe cada um de vocês. Continuem acreditando, porque acreditando a gente fará o Brasil se transformar na grande potência que eu acredito que seremos no século XXI.

Um abraço.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração da Usina de Biodiesel Soyminas**

**Cássia-MG, 24 de março de 2005**

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido amigo Clésio Andrade, vice-governador do estado de Minas Gerais,

Meu caro senador Hélio Costa, senador pelo estado de Minas Gerais,

Meu caro deputado Carlos Melles,

Deputado Odair Cunha,

Deputado Geraldo Thadeu,

Senhor Donizete Vilela, prefeito de Cássia,

Senhoras e senhores prefeitos, aqui, do Sul de Minas e de outras regiões do estado de Minas Gerais,

Senhor Silvío Crestana, diretor-presidente da Embrapa,

Senhores e senhoras parlamentares,

Vereadores,

Secretários,

Senhor Arthur Augusto Alves, proprietário da Soyminas Biodiesel,

Senhoras e senhores secretários de Estado do governo de Minas Gerais,

Senhor Sérgio Cavaliéri, presidente da Distribuidora ALE,



Senhoras e senhores produtores e representantes das associações de agricultores da região de Cássia, do Médio Rio Grande e da Baixa Mogiana,  
Senhor José Cerbone Toledo, vice-presidente da Biobras,  
Meus amigos, minhas amigas,  
Meus companheiros, homens e mulheres de Cássia,  
Companheiros jornalistas,

Eu queria, primeiro, que todos vocês que estão aqui presentes, e sobretudo a imprensa brasileira, anotassem nos seus rascunhos, nos seus cadernos e na sua memória, o que está acontecendo na cidade de Cássia, em Minas Gerais, no dia 24 de março de 2005.

Possivelmente, muitos de nós, não tenhamos a grandeza de enxergar os próximos dez anos. Muitas vezes, a nossa mente só começa a pensar até amanhã ou até depois de amanhã ou, no máximo, no próximo ano.

E eu quero que todo mundo marque, guarde o que pode acontecer com o Brasil, daqui a dez anos, com o programa do Biodiesel.

Na verdade, nós estamos fazendo mais do que um programa de Biodiesel, nós estamos fazendo muito mais do que apenas produzir uma nova matriz energética. Nós estamos fazendo muito mais do que apenas gerar organizações de trabalhadores em cooperativas, ajudar a agricultura familiar ou ajudar pequenos e médios empresários do campo. Muito mais. Nós estamos dando um sinal ao mundo de que, num futuro bem próximo, o petróleo não será motivo para que haja guerra no mundo ou para que um país consumidor invada um país produtor.

Nós estamos dizendo ao mundo que é plenamente possível a gente produzir combustível de uma fonte renovável; portanto, nós vamos plantar e colher, que nunca findará; nós não corremos o risco de que um dia uma bomba não possa mais extrair o petróleo das profundezas do mar, como nós fazemos hoje. Mas que a gente possa, nos campos verdes de Cássia, no semi-árido



nordestino, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, ou em qualquer rincão deste país, ter um produtor plantando biodiesel; que possa ter um produtor sobrevivendo às custas de um produto fabricado por ele, por sua mulher, pelos seus filhos e industrializados na sua cidade; e o mundo vai reconhecer que o Brasil é, incomparavelmente, o único país do mundo que tem as melhores condições, porque aqui nós temos terra boa para a agricultura, sol farto, fotossíntese, aqui nós não temos terremoto, não temos maremoto, não temos furacão, não temos neve, ou seja, aqui nós temos o que a agricultura brasileira e o mundo precisam para plantar o biodiesel e fazer disso uma grande fonte de enriquecimento do nosso povo, do nosso país e, porque não dizer, de outros países pobres.

A inauguração da Usina de Biodiesel da Soyminas aqui em Cássia, na nossa querida Minas Gerais, é um exemplo econômico, é uma lição política a ser aprendida e multiplicada. Poucas vezes na nossa história pudemos ver o que estamos presenciando aqui, um programa de governo vindo à prática de forma tão pedagógica e promissora, pois nós sabemos o quanto é difícil tirar uma idéia do papel.

E aqui vou abrir um parêntese. Eu me lembro que ainda no mês de junho, mais ou menos, ou julho de 2003, o companheiro Roberto Rodrigues entrou na minha sala e falou para mim: “Presidente, eu queria discutir com o senhor a questão do biodiesel, que eu acho que pode ser uma grande solução para o país.” Eu, achei a idéia boa, marquei uma reunião com a ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, com o Roberto Rodrigues, com o ministro da Ciência e Tecnologia e outro ministério, para criar uma comissão para construir o programa do Biodiesel, porque é mais difícil fazer do que falar, é mais difícil a gente começar do que planejar, tornar uma teoria em coisa prática é um pouco mais complicado, sobretudo, quando falamos de combustível.

Por quê? Porque na hora em que nós tomamos a decisão de transformar o biodiesel em combustível e fazer com que ônibus, caminhões, tratores, e, se



Deus quiser, muitas locomotivas neste país – porque nós estaremos recuperando as ferrovias brasileiras – comecem a utilizar o biodiesel, nós precisamos garantir a distribuição. Para garantir a distribuição é um trabalho muito grande, por isso é preciso a BR, é preciso a Petrobras como parceira, porque é preciso toda uma infra-estrutura para distribuir o combustível no Brasil inteiro e, quanto mais crescer o consumo, mais aumentará a nossa responsabilidade de não permitir que um brasileiro ou uma brasileira que queira colocar biodiesel no carro, em qualquer lugar do Brasil, não possa colocar.

Então, é muita responsabilidade a gente fazer com que o programa do Biodiesel tenha uma dimensão nacional e possa se transformar num combustível definitivo para o Brasil. Se isso acontecer nós vamos ganhar muito porque o Brasil importa hoje, praticamente, 2 bilhões de dólares de petróleo. Embora nós sejamos quase auto-suficientes porque produzimos quase tudo que consumimos, a verdade é que nós precisamos comprar petróleo para extrair o diesel do petróleo. Então, nós temos que gastar 400, 500 milhões para ter o diesel suficiente para o nosso produto; um diesel que é poluente, quando você liga uma caminhonete a diesel você vê o fumaceiro que faz, aquilo é muita poluição. Com o biodiesel não, com o biodiesel você vai respirar um pouco daquilo que está acostumado a ver, ou seja, um produto que você plantou.

Teve um companheiro aqui, o prefeito de Varginha, o Mauro, um fanático pelo biodiesel, que me disse, há uns seis anos, que ia produzir biodiesel de café. Eu disse que, por enquanto, era melhor vender o café no mercado internacional do que produzir biodiesel, mas de qualquer forma é uma coisa que, quando o café cair... eu espero que não caia mais o preço do café. O Zeão de (inaudível) é plantador de café e se cair o preço ele está “desgramado”, e aqui é importante lembrar, eu estou falando de biodiesel, mas em 2003 o café estava a 34 dólares a saca e hoje já está quase a 117; e se Deus quiser, nós sonhamos com uma certa estabilização, mas para isso nós



temos que ser profissionais e todos nós, governo e produtores, estamos convencidos de que nós precisamos parar de agir como agíamos há 50 anos. Nós precisamos transformar o nosso café em produto com maior valor agregado, industrializá-lo aqui e exportar a coisa mais cara, a coisa mais importante, para gerar mais divisas para o nosso país.

Bem, então, de uma pequena conversa, surgiu este que eu acho que é o grande projeto do Norte do país.

Eu queria que os produtores mais velhos se lembrassem do que aconteceu na década de 70 com o açúcar. Todo mundo sabia, Roberto Rodrigues é especialista nisso, que o Brasil chegou a vender o açúcar a 1.200 dólares a tonelada. Todo mundo plantou cana no Brasil. E, de repente, a cana, que valia 1.200 dólares a tonelada, baixou para 200 e poucos dólares a tonelada. E aí, o que é que vai se fazer com a cana? Aí, criou-se o Proálcool, que na década de 90 atendia praticamente 90% da frota de carros produzidos no Brasil; de repente, parou-se de fabricar carro a álcool no Brasil. Com o açúcar desvalorizado, o álcool já desvalorizado porque não tinha consumo. Então, o que nós fizemos? Eu acho que em poucos momentos da história do Brasil os produtores de álcool tiveram tanta certeza, como eles têm agora, de que o governo está tratando o álcool com seriedade, porque a indústria automobilística voltou a produzir carro a álcool e o Brasil, certamente, poderia exportar mais gasolina, mais petróleo, e a gente poderia utilizar mais álcool e mais biodiesel porque iríamos gerar mais riquezas, mais empregos no Brasil, haveria mais gente morando nas pequenas e médias cidades brasileiras e não teríamos o inchaço das grandes cidades, como temos hoje.

Então, tiramos isso como lição e vamos começar com o biodiesel, já corrigindo os erros que aconteceram. Estamos começando pequenos. Estamos começando com 2% do biodiesel nos motores de tratores, carros, caminhões, ônibus. Certamente, eu sou mais otimista do que a Dilma, muito mais otimista, e daqui a alguns anos não precisaremos ter carros à gasolina. Poderemos,



também, ter carros movidos a biodiesel neste país. Vamos economizar divisas, dinamizar a agricultura brasileira, gerar muito mais empregos, distribuir muito mais renda e vamos perceber que o ar estará mais gostoso de se respirar porque não terá tanta poluição sendo jogada no ar pelo óleo diesel comum, que nós conhecemos.

Agora, eu penso que é mais do que tudo isso. Sabemos o quanto é complexo garantir uma política de desenvolvimento que preserve, na sua identidade, a delicada travessia da teoria para a prática. Esse é um desafio fantástico, porque quem é governo sabe que não faltam boas idéias. Eu, pelo menos, recebo 200 novas idéias por dia; acho que cada ministro recebe outras 300. Em cada lugar que a gente chega tem um monte de gente colocando idéia na cabeça. Agora, na hora em que você tenta transformar essa idéia em prática, aí é que é duro. É a mesma coisa que um médico diagnosticar uma doença em uma pessoa. Entre o diagnóstico e a cura, haja remédio para curar, haja dor de cabeça, haja paciência. Agora, no nosso caso, graças a Deus, o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel está enfrentando esse batismo de fogo, amparado em uma convergência de forças exemplarmente reunidas aqui neste município.

Trata-se de uma cuidadosa articulação de parcerias, na qual cada um faz com esmero a sua parte: a prefeitura, as empresas privadas, o governo federal e a agricultura familiar. É isso que renova a minha certeza de que o biodiesel é uma importante alavanca para superar o grande desafio brasileiro deste século: promover maior equilíbrio entre a eficiência produtiva e o desenvolvimento social. Não há fórmula contábil que faça isso por nós. O verdadeiro desenvolvimento requer um projeto social que o conduza, e esse projeto tem que ser pactuado nas bases da sociedade. Esta, na verdade, é a grande demanda da nossa geração.

Queremos erguer uma sociedade de compromissos, onde os valores e os objetivos sejam compartilhados. É preciso que o desenvolvimento seja



solidário e tenha os seus frutos repartidos.

Esta é a diretriz que orientou o governo ao criar o programa de Biodiesel. E é ela que foi transformada em realidade neste município, com a construção de uma ampla parceria público-privada.

Num mesmo projeto, conseguiu-se a associação entre uma fronteira de ponta do desenvolvimento, a energia renovável, e uma força secularmente esquecida na história brasileira, a agricultura familiar.

Hoje, o biodiesel já beneficia 200 famílias em Cássia; na próxima safra serão duas mil; em três anos, oito mil pequenos agricultores estarão integrados ao projeto. O resultado disso tudo é fácil de prever: a multiplicação da renda, do emprego, do bem-estar e da cidadania, aqui e em mais vinte e cinco cidades do entorno.

Meus companheiros e minhas companheiras,

A lição da experiência que estamos tendo aqui em Cássia é muito clara: para evitar os desequilíbrios que podem acompanhar os processos de crescimento, o método é tão importante quanto a meta. O “como fazer” muda a qualidade do que se faz.

Ao investir na agricultura familiar como estratégia de desenvolvimento econômico e social, o município facilitou sobremaneira a articulação com o governo federal e com a iniciativa privada. O resultado foi a criação de um arranjo produtivo local que vai agregar 9 milhões de reais por ano à economia do município.

Cássia não deve ser vista como um caso isolado. O Brasil tem mais de 33 milhões de pessoas na área rural. Em termos absolutos, nunca houve tanta gente vivendo no campo brasileiro. É quase uma Argentina inteira trabalhando na terra, sendo que 80% das propriedades são, no máximo, de até 100 hectares. É impensável, portanto, não existir uma política para este setor nas esferas municipal, estadual e federal.

No nosso governo, a agricultura familiar conta com uma política de



desenvolvimento que, para nós, é tão importante quanto a política industrial, a política científica ou a política de exportações.

Estamos construindo um Brasil mais forte e justo, no qual os pequenos produtores e suas famílias possam olhar a terra e dizer: “Vale a pena semear e colher neste país”.

O programa de Biodiesel se estrutura em três pilares. É um programa de combustível verde, de energia renovável, limpa, pois substitui o diesel originado do petróleo. É um Programa de inclusão social porque permite que regiões menos desenvolvidas do país obtenham, através da agricultura familiar, benefícios de uma atividade econômica permanente, que gere renda e emprego com a produção de dendê, mamona, girassol e nabo forrageiro. É um Programa de desenvolvimento econômico, pois substitui as nossas importações de diesel, poupando divisas e abrindo perspectivas de exportações. É um Programa, hoje, voltado para a agricultura familiar, mas que com sua ampliação, poderá e deverá incorporar a agricultura brasileira empresarial de larga escala.

Sonho em ver este Programa transformando a nossa realidade econômica e social, e dando ao mundo mais um exemplo de combustível renovável.

Meus amigos, meus companheiros da Soyminas, da ALE,

Meus caros prefeitos aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas de Cássia,

Eu comecei dizendo que vocês marquem a data de 24 de março de 2005. E daqui a dez anos, sendo presidente da República quem quer que seja, neste país, vocês estarão ouvindo falar do Biodiesel porque esse não é um programa do governo Lula, não é um programa da ministra Dilma, do ministro Roberto Rodrigues, do prefeito de Cássia ou da Soyminas. O Biodiesel é um programa de uma nação chamada Brasil e de 180 milhões de brasileiros, que será produzido em todo o território nacional.



Até o mês de julho, teremos a inauguração de plantas em alguns estados. No Pará, por exemplo, já era para termos inaugurado, em fevereiro, a utilização de 2% de biodiesel nos ônibus de 65 municípios. Houve um atraso porque as máquinas não ficaram prontas no momento certo. Mas nós temos o Rio Grande do Norte, Piauí, Pernambuco, Mato Grosso, Bahia, tem vários estados em que, até julho, nós iremos inaugurar plantas de biodiesel.

A Petrobras vai se encarregar da distribuição disso na maioria dos estados brasileiros e temos a certeza de que o que nós plantamos hoje aqui em Cássia vai ser uma planta, primeiro, tão bonita quanto a planta que deu o nome a esta cidade, essa árvore maravilhosa de flores amarelas que a Dilma não conhecia; e eu precisei ensinar para ela o que era um pé de cássia, ela precisou aprender comigo o que era isso, porque tudo que é amarelo pensam que é ipê. Eu falei: não, é cássia, é por isso que o nome da cidade é Cássia. Não fui eu não, foi o Roberto Rodrigues que nos ensinou isso.

Da mesma forma que esta cidade tem a origem do seu nome numa planta bonita como essa, você pode ter certeza de que esta mesma Cássia que leva o nome de uma planta bonita acaba de plantar hoje uma semente que vai se transformar numa planta maravilhosa, numa planta chamada biodiesel, a energia que definirá a independência definitiva do nosso Brasil.

Muito obrigado e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do projeto “Viva Brasil 2005”, parte integrante do “Ano do Brasil na França”**

**Palácio do Planalto, 28 de março de 2005**

Meu caro vice-presidente da República e ministro da Defesa, José Alencar,

Meu caro Luiz Furlan,

Gilberto Gil,

Minha querida esposa Marisa,

Meu caro Abílio Diniz,

Meu querido representante da APEX,

Meu caro representante do Grupo Casino,

Eu não sei se vocês ficaram emocionados com a apresentação que foi feita, do vídeo. Obviamente que, como pernambucano, eu lamentei que só se falou da Bahia na música, não se falou de Pernambuco.

Eu penso que o momento que nós estamos vivendo é um momento para que todos nós façamos uma profunda reflexão do que está acontecendo no Brasil. Hoje, o ministro Palocci anunciou que o Brasil não vai renovar o acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Se pensássemos em 10 anos atrás, ou 15 anos atrás, eu conheço gente aqui do plenário e do meu governo que, certamente, estaria gritando na rua: “fora FMI”. Entretanto, embora não tenhamos sido nós que fizemos os acordos com o FMI, todo mundo sabe que o Brasil quebrou três vezes. E o acordo com o FMI deu sustentabilidade para que o país pudesse chegar a sobreviver.



Quando nós tomamos posse, em 2003, nós renovamos o acordo por mais um ano. E hoje, ao comunicarmos ao FMI que não vamos fazer mais acordo, nós o fazemos com a serenidade e com a tranquilidade de um governo que conquistou, com o sacrifício de todo o povo brasileiro, o direito de andar com as próprias pernas.

Ninguém precisa dizer para nós que temos que ser responsáveis com os gastos públicos. Isso nós aprendemos dentro de casa. Eu e Marisa temos uma vida matrimonial que vai completar 31 anos e nós nunca gastamos mais do que aquilo que a gente pode gastar. Se isso deu certo na minha casa, certamente, dará certo no Brasil, porque o Brasil nada mais é do que uma família mais heterogênea e infinitamente maior do que a família que eu tenho.

Mas a responsabilidade com o dinheiro público, de gastar apenas aquilo que é importante gastar nas obras que são necessárias para o Brasil, é uma obrigação nossa. E, portanto, nós não renovamos o acordo, já foi comunicado oficialmente pelo ministro Palocci, numa carta endereçada a mim. Nós vamos, agora, dar a demonstração de que nós temos condições de, seguindo a nossa própria orientação, cuidar do Brasil com o carinho que mulheres e homens deste país precisam ser cuidados.

E este momento é mais especial quando a gente vê a disposição de um conjunto de brasileiros e brasileiras – junto com ministros do meu governo e com empresários do porte do Abílio Diniz – de acreditar que é possível fazermos na França, este ano, a maior festa que um país já fez fora do seu próprio território, dando oportunidade a pessoas que, sem oportunidade, não conseguiriam sequer fazer propaganda de algum produto seu, em qualquer outro país, muito menos num país importante como a França.

Eu deixei o discurso de lado, porque eu estou convencido de que as palavras e o comportamento dos seres humanos, do Estado brasileiro, do empresariado brasileiro, do povo brasileiro, é que determinam se vamos ou não ter sucesso. É com o nosso comportamento que a gente faz o dia ser melhor



ou pior. A gente não pode evitar que chova, mas ninguém precisa ficar encarando a chuva como se fosse uma coisa ruim, porque tem outros milhões necessitando da chuva naquele instante.

E se nós continuarmos naquela em que a gente reclama do sol, reclama da chuva, reclama do calor, reclama do frio, reclama quando não está frio nem calor, se a gente continuar nesse nível, eu me pergunto: aonde chega um país ou uma pessoa que não acredita em si mesma, que não vê nada de positivo naquilo que acontece todo santo dia?

Eu estava lendo um texto para o meu querido José Alencar e para minha esposa, quando o Furlan entrou na minha sala e, então, eu vim para cá. E como eu acho que nós estamos fazendo valer o poder da nossa atitude, o poder do nosso comportamento, o poder da palavra, mas também o poder daquilo que nós somos capazes de fazer, porque você pode ir para a França e levar criança de rua, você pode levar para a França uma pilha de filmes sobre a violência juvenil no Brasil, tudo isso nós sabemos que é verdade. Mas, se nós não levarmos as coisas positivas que fazemos, ninguém terá, nunca, a dimensão do que pode e do que é capaz um país da magnitude do Brasil.

E lendo um... eu não sei se é um documento, se é um poema, mas eu achei que vale para este momento, acho que é o único momento em que posso ler isso aqui, agora, é esse grau de otimismo que estou vendo nos nossos companheiros. Diz, mais ou menos, o seguinte: “tudo que você diz, escreve ou pensa ao seu próprio respeito é recebido no universo como uma oração. Se você pensa negativo, o resultado será negativo; se você pensa positivo, as coisas serão positivas.” Eu estou lendo um livro de um cidadão que foi professor de Educação Física, foi instrutor do Abílio Diniz, acho que é o Nuno Cobra. E tem uma coisa que ele disse que me chamou a atenção: muitas vezes, as nossas atitudes negativas passam mensagens negativas para o nosso centro processador cerebral, que retransmite para o resto do corpo e a gente passa a viver coisas negativas, quando poderíamos viver coisas



positivas.

Eu queria que vocês prestassem atenção no seguinte: “num lugar por onde passavam muitas pessoas, um mendigo sentava-se na calçada e, ao lado, sempre colocava uma placa com os dizeres: Vejam como sou feliz, sou um homem próspero, sei que sou bonito, sou muito importante, tenho uma bela residência, vivo confortavelmente, sou um sucesso, sou saudável, sou bem-humorado. Alguns passantes o olhavam intrigados, outros o achavam doido e outros até lhe davam um dinheiro. Todos os dias, antes de dormir, ele contava o dinheiro e notava que, a cada dia, a quantia era maior. Numa bela manhã, um importante e arrojado executivo – pode ter sido o Abílio Diniz – que já o observava há algum tempo, aproximou-se e disse-lhe: “você é muito criativo. Não gostaria de colaborar em uma campanha da empresa?” “Vamos lá, só tenho a ganhar”, respondeu o mendigo. Após um caprichado banho, e com roupas novas, foi levado para a empresa. Daí para a frente, sua vida foi uma seqüência de sucessos e, a certo tempo, ele tornou-se um dos sócios majoritários.

Em uma entrevista coletiva à imprensa, ele esclareceu como conseguira sair da mendicância para tão alta posição. Contou ele: “Bem, houve uma época em que eu costumava me sentar nas calçadas com uma placa ao lado, que dizia: ‘não sou nada neste mundo, ninguém me ajuda, não tenho onde morar, sou um homem fracassado e maltratado pela vida, não consigo um mísero emprego que me renda alguns trocados, mal consigo sobreviver.’ As coisas iam de mal a pior quando, certa noite, achei um livro e, nele, atentei para um trecho que dizia: tudo o que você fala a seu respeito vai se reforçando. Por pior que esteja a sua vida, diga que tudo vai bem. Por mais que você não goste de sua aparência, afirme-se bonito. Por mais pobre que você seja, diga a si mesmo e aos outros que você é próspero. Aquilo me tocou profundamente e, como nada tinha a perder, decidi trocar os dizeres da placa para: ‘Veja como sou feliz, sou um homem próspero, sei que sou bonito, sou muito importante,



tenho uma bela residência, vivo confortavelmente, sou um sucesso, sou saudável e bem-humorado'. E, a partir desse dia, tudo começou a mudar. A vida me trouxe a pessoa certa para tudo que eu precisava, até que cheguei onde estou hoje. Tive apenas que entender o poder das palavras. O universo sempre apoiará tudo o que dissermos, escrevermos ou pensarmos a nosso respeito, e isso acabará se manifestando em nossa vida como realidade. Enquanto afirmarmos que tudo vai mal, que nossa aparência é horrível, que nossos bens materiais são ínfimos, a tendência é que as coisas fiquem piores ainda, pois o universo as reforçará. Ele materializa em nossa vida todas as nossas crenças." A repórter, ironicamente, questionou: "O senhor está querendo dizer que algumas palavras escritas em uma simples placa modificaram a sua vida?" Respondeu o homem, cheio de bom humor: "Claro que não, minha ingênua amiga. Primeiro, eu tive que acreditar nas palavras."

Isso vale para o momento que estamos vivendo agora. Aqui tem alguns empresários que têm convivido comigo nesses últimos meses, e sabem perfeitamente bem do grau de otimismo, da crença que eu tenho de que as coisas darão certo se nós quisermos que dêem certo, e as coisas darão errado se nós ficarmos choramingando pelos quatro cantos deste país, lamentando apenas as coisas que nós ainda não pudemos fazer, ao invés de valorizar aquelas que já fizemos.

Do ponto de vista da nossa relação comercial, não foi pouco o que aconteceu no Brasil nos últimos tempos. Se vocês atentarem para 1995, perceberão que naquele ano - e a China ainda não estava com a força que está hoje, estava começando - o Brasil chegou a ter apenas 0,92% de participação no comércio exterior; em 2002, tinha 0,96%. Hoje, dois anos depois, nós já estamos com 1,1% das exportações. Passamos, praticamente, oito anos abaixo de 1% da nossa participação no comércio internacional. Por que fizemos isso? Primeiro, porque acreditamos nisso. Segundo, porque colocamos a pessoa certa para fazer e contribuir para que isso acontecesse;



não faltou, em nenhum momento desses dois anos, qualquer possibilidade de ajudarmos aqueles brasileiros que quisessem aumentar a sua participação no mercado globalizado, incentivando, cobrando, provocando.

Agora nós temos nesse Encontro da França uma outra grande oportunidade. Uma oportunidade em que não será apenas um ministro, mas um conjunto de homens e mulheres do Brasil que podem ir lá e mostrar, claramente, que nós poderemos ocupar um espaço ainda muito maior do que já ocupamos vendendo produtos de qualidade, vendendo comidas de qualidade, mostrando que nós somos capazes de produzir celular tão ou melhor do que se produz lá fora, mostrando que nós somos capazes de exportar conhecimento tanto quanto o que eles querem exportar para nós.

O que é preciso, antes de tudo, é que nós acreditemos em nós mesmos. O que é preciso, antes de tudo – e o governo tenta cumprir a sua parte, criando as condições para que sejam facilitadas as nossas exportações – é sabermos que de nós, e somente de nós, depende a imagem que quisermos criar no mundo globalizado.

Nós poderemos continuar dizendo que somos um país pobre, que somos um país de Terceiro Mundo, que somos um país que tem analfabetos, nós poderemos escolher as palavras que nós quisermos falar. Agora, em uma coisa nós temos que ter clareza: vender miséria não ajuda absolutamente ninguém a sair da miséria.

Nós temos que vender aquilo que temos de positivo no país para que a gente possa, ganhando com as coisas positivas que vendermos lá fora, ajudar aqueles que ainda estão analfabetos, aqueles que ainda não conquistaram cidadania no Brasil, aqueles que vivem à margem da sociedade porque não tiveram a oportunidade que nós, que estamos aqui, tivemos.

Este Brasil precisa estar na cabeça de cada um de nós. Este Brasil que nós queremos está dentro de cada um de nós. Não vamos esperar que o presidente Lula faça, que o vice José Alencar faça, ou que o Furlan faça.



Possivelmente, nós não tenhamos a capacidade interiorizada que cada um de vocês tem. O que nós queremos é transformar essa competência individualizada de cada brasileiro numa competência coletiva, numa competência de nação, numa competência de um povo, para que a gente possa, cada vez mais, ter a certeza de que o Brasil chegou num determinado patamar da sua história que não tem retrocesso, que não tem volta atrás.

É por isso que eu me determinei a não ficar chorando pelas coisas que não davam certo. Vocês nunca me viram reclamar das coisas ruins neste país. Nunca. Até porque acho que não é papel do Presidente da República ficar se queixando. O papel do Presidente da República é passar para a sociedade que é possível acontecer.

Eu me lembro de quantas vezes desafiei empresas brasileiras a não terem medo de serem empresas multinacionais. O Roger está aqui e sabe em quantos fóruns internacionais eu provoquei os empresários brasileiros. Nós não temos que ter medo de ser empresas multinacionais; nós não temos que ter medo de competir com a China, com os Estados Unidos, cada um do seu tamanho, cada um com a sua qualidade, mas nós temos que nos respeitar. Nós temos que acreditar em nós e provar que o nosso produto pode ser melhor do que o que eles têm, não apenas do ponto de vista comercial, mas do ponto de vista cultural. Não é nem querer ser melhor do que os outros, nós apenas queremos não ser tratados como inferiores e acho que aí é que está a chave do sucesso do nosso país.

Por isso, meu caro Gilberto Gil, meu caro Furlan, meu caro Abílio Diniz, se vocês estão esperando um grande sucesso em Paris, eu posso dizer para vocês que o bom começo dessa campanha já pode garantir que cada um de nós afirme que quem não for participar desse evento na França, certamente, irá perder um dos melhores momentos da história do nosso país.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro de trabalho com os presidentes da Colômbia, Venezuela e Espanha**

**Ciudad Guayana-Venezuela, 29 de março de 2005**

**OBS.:** alguns trechos deste pronunciamento não foram incluídos devido a problemas técnicos na transmissão do áudio

Sabe que a minha idéia é que o Brasil não será dependente de petróleo durante muito tempo, porque estamos apostando na nossa (...) de diesel.

Primeiro, Hugo Chávez, gostaria de uma vez mais agradecer pela forma sempre carinhosa com que somos recebidos na Venezuela. Em segundo lugar, quero agradecer ao presidente Uribe que, de pronto, aceitou a idéia de fazer uma reunião que, em princípio, era na fronteira e depois foi transferida para esta cidade.

E, sobretudo, quero dizer que estamos felizes de estar aqui e da presença do Presidente da Espanha, um companheiro que, apesar de ser muito jovem, das causas nobres do mundo contemporâneo, que é o nosso companheiro Zapatero. E é importante que ele esteja visitando a Venezuela e que esteja exatamente na data em que estamos fazendo esta reunião, para que o presidente Zapatero tenha, quando voltar para a Espanha, bastante certeza de que esta reunião representa, penso que para mim, para o Brasil, para a Venezuela e para a Colômbia, mais que uma reunião que nós usualmente fazemos no nosso Continente.

Eu acredito que nesses dois anos nós conseguimos um avanço, eu diria extraordinário, nas relações entre nossos países. Eu digo isso porque durante toda a minha militância política, seja como dirigente sindical, seja como



presidente de um partido político, nos últimos 20 anos eu visitei muito mais a Espanha, a Alemanha, a França, a Inglaterra, o Canadá, a Suécia, do que visitei qualquer país da América do Sul. Nós não tínhamos o hábito de ter relações com a América do Sul, ou seja, nós agíamos como se a América do Sul fosse um continente totalmente voltado aos Estados Unidos e à União Européia.

E isso, certamente, acontecia com os políticos da Venezuela, com os políticos da Colômbia, com os políticos da Argentina, do Uruguai que viajavam muito mais à Europa e aos Estados Unidos do que internamente, no nosso Continente.

E quando eu digo que nós avançamos muito é porque nesses dois anos eu penso que, primeiro, estabelecemos uma relação de confiança muito grande entre nós. E não é possível fazer política se não houver confiança entre as pessoas que fazem política.

Em segundo lugar, é que aos poucos estamos tomando consciência de que parte dos nossos problemas só serão resolvidos se entendermos que somente nós podemos resolvê-los. E o presidente Zapatero disse bem: a União Européia, antes eram seis países, depois nove, depois quinze, agora são 25 países – 27, daqui a pouco – onde a parte mais rica da Europa estava muito preocupada em garantir que essa parte mais pobre tenha uma certa proximidade tecnológica e econômica, para que não seja um eterno problema para a parte mais rica da Europa.

Os Estados Unidos, todos sabemos, têm os seus problemas, e também nunca foi uma parte atenciosa com a América do Sul, do ponto de vista do desenvolvimento.

Agora, temos um parceiro novo, no cenário mundial, que é a China. Mas a China, também, tem que cuidar de 200 milhões de habitantes e, portanto, não vai perder seu tempo ocupando-se de Colômbia, Venezuela e Brasil.

A nossa teoria é de que tudo será mais fácil se nós acreditarmos que



juntos poderemos crescer mais, nos desenvolver mais, deter a pobreza de nosso Continente. E, para isso, esta reunião é um símbolo porque foi marcada em um momento em que existia uma certa tensão entre Venezuela e Colômbia. Quando propus a reunião era para mostrar ao mundo que, aqui, tudo o que queremos é paz, desenvolvimento, crescimento econômico e distribuição de renda para o nosso povo. Se fizermos isso, todos nós estaremos realizados como políticos e como seres humanos.

E, mais do que um discurso, penso nas coisas práticas que poderemos e que chegaremos a fazer a partir desta reunião: ela poderá dar aos colombianos, brasileiros e aos outros países da América do Sul a certeza de que nós estamos transformando em realidade nossos desejos, sonhos, e não ficaremos simplesmente no discurso vazio pela integração sul-americana.

Eu acredito tanto na integração que, possivelmente nos dois anos de Presidência no Brasil, eu tenha viajado mais ao redor do mundo do que os quatro últimos Presidentes da República. Celso Amorim, por conta desta nossa política de integração, nos últimos três meses visitou trinta países, possivelmente, mais do que os últimos cinco governos brasileiros visitaram em todos os mandatos. E são viagens que não têm escala em Paris ou em Madri para descansar. São viagens em que, às vezes, são visitados dois países por dia. Agora, vou à África para ficar não mais de duas horas em Camarões. Sairei às 6h da manhã do Brasil para ver se, logo ao chegar, me encontro com o Presidente de Camarões, porque o Brasil tem relações com a África e queremos sedimentar as nossas relações com aquele Continente que, sem a nossa ajuda, vai passar outro século sendo símbolo da fome, da Aids, da miséria.

Acontece que os nossos mandatos têm duração de quatro anos e o meu já está terminando, como acredito que também o de Uribe; o de Zapatero está começando agora. Mais quantos anos, Chávez? Não sei. Eu trabalho sempre com a inquietude, com a angústia, porque quando terminar o nosso mandato a



história vai nos julgar não apenas por aquilo que falamos, mas pelo que deixamos de realizações concretas na área social e na área de nossas relações com outros povos.

Tenho dedicado esses dois anos, presidente Zapatero, a tentar transformar a questão da integração em uma coisa prática, objetiva, mais concreta, para que nosso povo comece a acreditar que integração não é um discurso eleitoral de Uribe, Lula, Zapatero ou Chávez. A integração deve materializar-se em obras, em realizações concretas e em projetos concretos.

Estivemos há pouco tempo em Caracas e fizemos grandes parcerias. Assinamos 26 acordos muito promissores, quase todos podem ser cumpridos ainda este ano, na área de petróleo, na área de energia, na área de saúde, ou seja, nós fizemos todos os acordos que, até então, a nossa inteligência permitiu entender que deveríamos fazer.

Eu tinha dito ao companheiro Chávez que era importante que nós déssemos o passo seguinte, que o jeito de a gente concretizar a integração seria Venezuela e Brasil, junto com a Colômbia, definirem que tipo de projetos e investimentos poderiam fazer juntos; agora não mais o Brasil e a Venezuela apenas, mas o Brasil, a Venezuela, a Colômbia e, quem sabe, também vamos incluir a Espanha para que a gente possa concretizar projetos na área de mineração. Tem muitas coisas em que poderíamos trabalhar conjuntamente: projetos na área da cooperação energética; projetos na área da biotecnologia na Amazônia, em que temos similaridades, e temos condições de transformar a Amazônia num grande centro de pesquisas que pode prestar serviços enormes à humanidade; temos projetos na área química; temos projetos, juntos, na área de inclusão social.

Eu fico imaginando: qual seria o papel que um país importante como a Espanha poderia jogar numa situação como essa? Primeiro, eu penso que a Espanha sempre será vista por todos nós como uma espécie de “porta de entrada” do Brasil, da Colômbia, da Venezuela e de outros países da América



do Sul. Tem muitas coisas que precisamos fazer com a União Européia, mas, sobretudo, eu penso que tem projetos importantes em que a Espanha poderia participar. O presidente Uribe tem uma verdadeira paixão por uma hidrovia do rio (...), que é uma coisa importante para o desenvolvimento econômico e o Brasil tem interesse em fazer essa parceria. Me parece (...). Essa integração de transporte, via rios importantes que nós temos aqui, possivelmente seja demasiado para um país sozinho fazer mas, se juntarmos o potencial de cada um dos países e ainda arrumarmos parceiros de outros continentes, como a Espanha, para participar desse processo, aquilo que parecia impossível vai ficando próximo de se concretizar, porque a gente vai perceber que o esforço que fizemos agora vai garantir a nossa independência, vai garantir que nossos países cresçam desse momento em diante.

Eu quero terminar dizendo ao presidente Uribe, ao presidente Chávez e ao presidente Zapatero que, quando eu digo que (...) com o passar do tempo, já estou com dois anos e três meses na Presidência do Brasil, é porque a gente ainda não conseguiu fazer tudo aquilo que a gente pensou em fazer do ponto de vista da integração, do ponto de vista de realizações das estradas, das ferrovias. E, ao mesmo tempo, eu me conformo sabendo que dois anos é muito pouco e não dá para fazer tudo, a fazer (...) aquilo que vamos começar a fazer, o esforço que for possível fazer, para lograr, num futuro próximo. A disposição do Brasil, neste momento é fazer o esforço maior possível, dentro das limitações de um país grande, um país rico, mas que historicamente não utilizou a riqueza para enriquecer o seu povo, com problemas seríssimos que temos pela frente, com muita pobreza. Mas nós temos consciência de que parte da nossa pobreza será resolvida, não individualmente, mas junto com outros países da América do Sul.

Por isso, o seu testemunho numa reunião como esta e sua participação numa reunião como esta engrandece esta reunião. E tudo que eu quero mostrar ao mundo é que nós, na América do Sul, somos capazes de controlar



nossos assuntos, de pensar em nosso desenvolvimento, de combater o terrorismo, de combater o narcotráfico, de combater o crime organizado. E nós somos capazes de realizar o sonho de esperança que cada um dos nossos habitantes têm e que, muitas vezes, o tiveram frustrado.

Eu penso que a concretização da aliança com o Mercosul, a concretização da Comunidade Sul-Americana de Nações e, ao mesmo tempo, o Acordo do Mercosul com a União Européia... Estou com muita expectativa de uma reunião entre a América do Sul e o Mundo Árabe. Penso que estaremos dando um passo histórico para que consigamos, definitivamente, mudar a geografia comercial do mundo e trazer para o nosso povo a esperança de que a solução de nossos problemas está em nossa maturidade política, na compreensão dos problemas que temos, na manutenção da paz e das boas relações que temos entre nós. É extremamente difícil, já temos tantos problemas internos em cada país, que não temos que procurar problemas em outro lugar.

Minha idéia, presidente Uribe, é que, após esta reunião, quem sabe um grupo de companheiros do Brasil, da Colômbia, bem como da Venezuela, se reúna com seus técnicos para fazer um levantamento das coisas que podemos concretizar em parceria com nossos empresários, governos, para que possamos sedimentar cada vez mais e de forma mais produtiva essa integração. E ela será muito melhor se conseguirmos contar com o aval de um parceiro do porte do companheiro Zapatero.

Existe muita gente falando mal de nós pelo mundo. Portanto, é importante que tenhamos um parceiro nos defendendo em momentos difíceis que enfrentamos, e cada um de nós tem os seus problemas internos, cada um de nós precisa de ajuda e parceria para superar.

Quero dizer ao presidente Chávez, para finalizar, que não tenho nenhuma dúvida em afirmar, em qualquer lugar do mundo – e tenho certeza que os companheiros Celso Amorim, Marco Aurélio e outros de meu governo –



que não aceitamos difamações e insinuações contra companheiros.

Acho que a Venezuela tem o direito de ser um país soberano, de tomar suas decisões e, ao mesmo tempo, a Venezuela não precisa ficar sendo acusada de coisas que, quem convive com ela, sabe que não são próprias de seu pensamento e comportamento. Eu me lembro, presidente Uribe, que quando a situação estava meio crítica, seu desejo era que houvesse paz na América Latina. Lembro, Uribe, Zapatero, que em vários momentos, acusado disso ou daquilo, Chávez me disse: “Lula, o que eu realmente preciso é de paz para dar ao povo venezuelano o que ele espera do governo.” Sabemos que, sem paz, não conseguiremos fazer muito. Presidente Chávez, pode ter a certeza de nossa solidariedade. Presidente Uribe, vou dizer uma coisa que já comentei em outra oportunidade e é importante para mim: nós temos acompanhado pela imprensa, mais de uma vez, a notícia de que as Farc haviam dado recursos ao PT na campanha de 2002. Essa é uma acusação antiga porque em 2002 só foram exploradas, na televisão brasileira, acusações de que eu iria transformar Brasil em uma Venezuela porque havia muitos conflitos na Venezuela que estavam sendo financiados pelas Farc. Nós não levamos a sério essas denúncias. E estou dizendo para vocês, mais uma vez, que o Brasil se coloca à disposição da Colômbia, na medida em que haja entendimento que o Brasil pode ajudar em alguma coisa, para que tenhamos tranqüilidade na Colômbia. Pode ter certeza que o Brasil é um parceiro para ajudá-lo nesse problema.

No mais, eu espero que depois de ouvirmos o Uribe, a gente possa, ao falar com os jornalistas, mostrar que essa reunião valeu a pena e, para nós, tendo o aval do Zapatero, ela será uma reunião ainda mais importante.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de apresentação dos novos investimentos da empresa  
Tecumseh do Brasil**

**São Carlos-SP, 31 de março de 2005**

Eu não vou ler a minha nominata, aqui, com os nomes das autoridades. Vou apenas fazer justiça, porque nós participamos de um ato, agora, do começo de uma obra de um hospital-escola, em São Carlos, e eu falei o nome de todos os deputados e não falei o nome do deputado João Herrmann. Isso é porque ele está sem gravata, então, eu resolvi puni-lo.

Eu quero dizer aos diretores da Tecumseh que vocês certamente já conhecem a qualidade do trabalhador brasileiro, a criatividade do trabalhador brasileiro, a qualidade do serviço prestado por estes trabalhadores, e eu não tenho dúvida nenhuma que com essa qualidade nós continuaremos vendo esta empresa ganhar espaço no mercado internacional.

E o governo tenta cumprir com a sua parte. Este mês nós tivemos o gostoso prazer de tomar um champanhe junto com os exportadores brasileiros, porque ultrapassamos 101 bilhões de dólares de exportação, o que é um recorde, uma marca fantástica, porque o Brasil, na década de 70, tinha uma participação de 1,2 do comércio mundial. A China não existia ainda. O Brasil, depois, chegou a ter 0,70, ou seja, o Brasil caiu quase que 50% na sua política de comércio exterior. E nesses dois anos de governo nós já estamos a 1,12%, ou seja, estamos chegando perto do melhor momento do Brasil, hoje, com a China tomando conta de uma grande parte do comércio mundial.

Estamos fazendo isso e é importante que os trabalhadores e a empresa compreendam, tentando quebrar uma coisa que habitualmente acontecia no



Brasil. Vocês sabem que até a década de 80, muitas vezes, o governo decidia exportar e tudo era para exportar, e esquecia o mercado interno. Outra vez, o governo optava por fortalecer o mercado interno e esquecia as exportações. Então, muitas vezes, uma empresa se preparava para exportar e daqui a pouco o governo diminuía o peso das exportações. Daqui a pouco ele se preparava para o mercado interno, o governo aumentava as exportações. Então, o empresário ficava sem saber, concretamente, o ritmo dos investimentos que ele tinha que fazer no Brasil.

Nós decidimos que não é incompatível você exportar e crescer internamente. Por isso vocês sabem que, no ano passado, nós tivemos um saldo muito bom, eu não diria ótimo, mas muito bom, quando nós tivemos um crescimento do nosso Produto Interno Bruto de 5,2%, o maior dos últimos dez anos.

A indústria de São Paulo teve um crescimento maior do que os últimos 18 anos. E o Brasil inteiro continua crescendo. Os dados publicados pelo IBGE, hoje, mostram inclusive um crescimento de 3,7% na renda *per capita* do nosso povo brasileiro, numa demonstração de que nós estamos encontrando o ponto de equilíbrio para um crescimento sustentável, que não seja aquele crescimento, como vocês já tiveram e eu já tive na vida, quando do Plano Cruzado, em 86, e todo mundo achou que o Brasil tinha chegado no paraíso e seis meses depois acabou o Plano. Como o Plano Real, quando muita gente achou que estavam resolvidos todos os problemas do nosso país. Teve gente que foi dormir um dia tendo uma dívida de 1 real e acordou devendo 4 reais, sem saber por que isso aconteceu.

Nós entendemos que se a gente trabalhar com seriedade, se a gente não inventar nenhuma medida, mas se a gente trabalhar com instrumentos que a sociedade possa compreender a sua seriedade, a gente pode ter um crescimento sustentável por 10, 15 ou 20 anos. E a gente pode, de uma vez por todas, consolidar o Brasil como um grande país industrial. A gente pode



consolidar o Brasil como um país altamente competitivo neste mundo globalizado, com blocos muito fortes, como o bloco europeu, os americanos ou os próprios chineses.

O Brasil não deve nada a ninguém, o grande problema nosso é que nós nascemos e morremos sempre achando que os outros são melhores do que nós. Nós nascemos e crescemos, achando: “eles são melhores do que nós, eles podem mais do que nós”. Nós é que temos que acreditar em nós mesmos.

Nós é que precisamos saber a força que nós temos, do que somos capazes e o papel do Estado é o de criar facilidades, criar mecanismos para que as empresas se motivem mais a fazer investimentos aqui, porque o que conta, na verdade, é a gente garantir que as pessoas tenham possibilidade de trabalho, porque quando um homem e uma mulher têm trabalho, tudo fica mais fácil, basta não ficar doente que as coisas vão indo de vento em popa.

E por que nós estamos fazendo isso? Porque eu aprendi na minha vida, que a gente só aprende a gostar dos pais da gente de verdade, a gente só reconhece o sacrifício deles, quando a gente casa e tem filhos, porque até então a gente não dá valor ao que os nossos pais fizeram por nós, a gente sempre acha que era obrigação deles: “me pôs no mundo, tem que cuidar”. Mas quando a gente tem filho, a gente tem que levantar 2 horas da manhã, a criança com bronquite, tem que levar para tomar inalação, ou quando dá dor de barriga 1 hora da manhã e você tem que correr, se tiver carro ainda bem, se não, vai ter que chamar um táxi ou vai ter que ir a pé debaixo de chuva. Quando a gente começa a passar por isso, a gente começa a dar valor às coisas que a gente tem e às coisas que a gente pode construir.

Eu digo sempre o seguinte: a gente só aprende a ser filho quando a gente vira pai e a gente só aprende a ser pai quando a gente vira avô, porque quando a gente vira avô a gente cuida dos netos com muito mais carinho do que a gente cuidou do filhos da gente. Você não vê avô gritar com neto, aliás, os pais sempre falam: “eu educo o meu filho a semana inteira e o meu pai e a



minha mãe vêm aqui no final de semana e deseduca ele”. Então, essas lições que eu trouxe da minha casa, do meu berço, de uma mãe analfabeta é que eu tento passar como atos de governança no país.

Por exemplo: hoje, sabe a Direção da empresa, e vocês devem acompanhar pela imprensa, eu fui um dirigente sindical muito importante no Brasil, sem falsa modéstia, eu fui muito importante na década de 70 e fui para a Europa 500 vezes, eu era convidado para os Estados Unidos, para o Japão, para tudo quanto é país desenvolvido. Eu nunca tinha ido à Argentina, nunca tinha ido ao Uruguai, nunca tinha ido ao Paraguai, nunca tinha ido à Bolívia. Nenhum país da América do Sul e eles também não vinham para cá, porque nós éramos subordinados aos países que economicamente eram mais fortes, que tinham empresas multinacionais no Brasil, que nos convidavam. Nós não nos dávamos importância, embora a gente estivesse tão juntos, embora a gente estivesse tão próximos, o Brasil faz fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile.

A primeira atitude que nós tomamos, e eu penso que a empresa deve estar ganhando com isso, foi estreitar as relações no nosso Continente, na América do Sul. Estreitar relações com todos os países e o Brasil financiar exportações, criando condições de infra-estrutura naqueles países, porque eles são consumidores dos produtos brasileiros. Eu não sei como é que a gente vai num país e encontra carro japonês, quando o Brasil está ali na fronteira. Agora, se não tiver estrada, se não tiver ponte, se não tiver energia, se não tiver telecomunicação, não tem negociação.

Veja uma coisa, a primeira ponte entre Brasil e Bolívia, fomos nós que construímos agora, com 500 anos que existe o Brasil. A primeira ponte, entre o Brasil e o Peru, nós vamos inaugurar em junho agora. Inaugurar uma ponte significa transitar gente, transitar carga, transitar aquela nossa loucura de exploradores. Significa o empresário brasileiro saber o que tem lá para ele fazer, os empresários peruanos saberem o que tem aqui, nós vamos ficar mais



próximos do Pacífico, eles ficarão mais próximos do Atlântico, ou seja, essa integração, nós estamos fazendo com a América do Sul, porque acreditamos que o Brasil, como maior economia do Continente, tem que ter responsabilidade em ajudar os países mais pobres, porque ajudando eles vão se desenvolver também, vão comprar nossos produtos, nós vamos comprar produtos deles e vai ficar uma relação menos dependente dos Estados Unidos e menos dependente da União Européia.

Nós precisamos criar novas fronteiras para que a gente possa colocar os nossos produtos e não ficar disputando apenas com os dois grandes blocos: Estados Unidos e União Européia. Nós precisamos abrir, por isso nós temos uma relação estratégica com a China, por isso nós temos uma relação estratégica com a Índia, por isso nós temos uma relação estratégica com a África do Sul, por isso nós temos uma relação estratégica com outros países, a Rússia por exemplo, que tinha pouquíssima coisa.

Senhores empresários, ministros e trabalhadores,

Eu me lembro que o Brasil estava tentando vender manga para o Japão havia 28 anos. Há 28 anos o Brasil tentava convencer os japoneses a comprarem manga do Brasil. E eles não compravam dizendo: “não, tem o bicho da mosca, não dá para comprar porque tem o tal do bicho da mosca”. Eles nem sabiam que já tinha a Embrapa, está aqui o presidente da Embrapa, que tinha ajudado a combater isso. Pois bem, o Koizumi veio ao Brasil, primeiro-ministro japonês, sentou na mesa para conversar e o primeiro assunto é manga. Fomos comer. “Quer sobremesa?” “Quero”. Manga. Conclusão: em janeiro, o Japão importou a primeira carga de mangas do Brasil.

Eu, agora em maio, estou indo para o Japão. O Japão não compra carne do Brasil. Eles mal sabem que este país, aqui, mata 36 milhões de cabeças de gado por ano. Eles mal sabem que, hoje, o Brasil tem criadores de gado que criam da forma mais moderna do que em qualquer país do mundo, sem o risco da “vaca louca”, porque a nossa ração é capim, a nossa ração pode dar uma



qualidade ao nosso gado. Pois bem, eu vou para o Japão agora. Eles não compram nossa carne. Já falei para o nosso embaixador: pode preparar uma churrasqueira, se não tiver, prepare, não custa nada fazer, vamos levar na nossa bagagem umas picanhas e umas costelas. E ao chegar vamos chamar o primeiro-ministro e falar: vamos comer a carne brasileira e vamos ver se a que você compra é melhor do que a nossa.

Porque o Presidente da Rússia veio conversar comigo, tinha um núcleo de febre aftosa no Amazonas, lá perto do Amapá. Ele falou: o Brasil tem febre aftosa. Eu falei: meu filho, você precisa conhecer o mapa do Brasil. Levei-o lá na minha sala, peguei o mapa do Brasil e falei: olha onde teve um foco de febre aftosa, ali não é região criadora de gado, ali deve ser um pequeno criador que deve ter 30 ou 40 cabeças; onde nós exportamos é aqui. A distância entre o centro criador de gado brasileiro exportador onde teve o foco é mais distante do que de Moscou à Alemanha, do que de Moscou à Inglaterra, do que de Moscou à França. Então, ele precisa conhecer isso para poder comprar. Já está comprando um pouquinho e vai comprar mais.

Aí dizem: “não, mas o Brasil só é exportador de soja, de cana, de milho, de minério de ferro.” Este ano nós provamos que não. Mais de 50% do nosso comércio exterior foi de produtos com valor agregado manufaturados.

E quando eu venho aqui, nesta empresa, e sei que vocês estão planejando se transformar no maior exportador de compressores do mundo, eu, como Presidente da República, como ex-metalúrgico, como cidadão brasileiro, saio daqui dizendo: vale a pena a gente acreditar no povo brasileiro, vale a pena a gente acreditar no Brasil e vale a pena a gente levantar todo santo dia de manhã gritando para nós mesmos: “nós somos brasileiros e não desistimos nunca”.

Meus parabéns, boa sorte e meus parabéns à Direção da empresa.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
solenidade comemorativa aos 125 anos da imigração libanesa no Brasil**

**São Paulo-SP, 31 de março de 2005**

Como diria um matuto brasileiro, eu vou suspender a minha nominata, porque tem muita gente e todos já foram citados, para poder dedicar um pouco mais de discurso aos companheiros libaneses. Peço desculpas.

Queria apenas citar o governador Geraldo Alckmin,

O prefeito José Serra,

E cumprimentar a todos os demais companheiros da mesa, deputados, senadores,

Demais secretários de Estado,

Deputados estaduais,

Secretários municipais,

Vamos ver a nossa ligação com o mundo árabe. Eu me chamo Silva; meu médico chama-se Kalil; meu cirurgião chama-se Cutait; o hospital se chama Sírio-Libanês. Ao mesmo tempo, para provar que eu sou amigo dos libaneses, eu fui obrigado a assistir a morte de um carneiro, comer um coração cru, tomar arak com hortelã e com pão sírio. E ainda tive que comer outras coisas que eu não posso falar aqui.

Eu visitei o Líbano em dezembro de 2003. Quero confessar a vocês, primeiro, um sonho: visitar o Líbano. Porque durante muitos anos víamos na imprensa brasileira a guerra do Líbano, os ataques que o Líbano sofria, a destruição do Líbano e a mais extraordinária surpresa que eu tive foi de ver a



alegria do povo libanês, ou seja, o brasileiro que viaja para o Líbano não fará diferença, a não ser da língua, da alegria do povo libanês para o povo brasileiro. Não fará nenhuma diferença.

A arquitetura do Líbano é alegre. As coisas que têm no Líbano são alegres, portanto, eu acho, meu querido representante do presidente Lahoud, que o Líbano, que está sofrendo neste momento, precisa continuar o seu processo de reconstrução. E, dentro desse processo de reconstrução, o meu desejo de poder, antes de terminar o meu mandato, inaugurar a Casa Brasil, em Beirute, porque da mesma forma que os libaneses fazem parte da cultura do Brasil, eu quero que o Brasil faça parte da cultura libanesa, ou seja, é uma recíproca ao carinho que recebemos durante muito tempo.

Depois, eu tive o prazer de receber aqui o presidente Lahoud, em fevereiro de 2004, e receber o meu querido amigo Hariri, em junho de 2003, aqui, no Brasil. Foi o primeiro momento, o estreitamento da minha relação com as mais altas autoridades libanesas. E, confesso a vocês, que o Líbano perdeu um grande dirigente, perdeu um homem de bem, perdeu um homem que acreditava na democracia, um homem que acreditava no Líbano, um homem que acreditava nos valores do humanismo, nos valores mais importantes que nós carregamos dentro de nós.

Eu penso que quem conheceu o Hariri, sabe perfeitamente bem o que ele poderia representar para o processo democrático no Oriente Médio, para o processo democrático no mundo árabe.

De qualquer forma, Deus é mais poderoso do que todos nós e decide, às vezes, coisas que não temos como evitar. Mas, não tenho dúvida de que, esteja ele onde estiver, estará pensando que um dia o Oriente Médio poderá viver em paz, em tranquilidade, podendo usufruir da riqueza que Deus deu àquela região do planeta Terra.

Eu não estou aqui para participar da comemoração dos 125 anos, não sei se é só isso, não sei se já não tinham libaneses infiltrados no navio em que



Cabral chegou aqui... Também, nós não tínhamos um serviço de inteligência naquela época, portanto, não há nada registrado. Nem o Félix existia ainda.

Cento e vinte e cinco anos de imigração libanesa para o Brasil!

Venho a esta Casa celebrar um evento muito, mas muito especial.

Celebro a trajetória de um povo de múltiplos talentos e de sentido empreendedor tão vasto quanto os oceanos que atravessou ao longo de sua história. Os libaneses sempre foram uma nação universal. Levaram sua energia e seus conhecimentos aos quatro cantos do mundo. Mas reservaram carinho especial para o Brasil. Aqui fizeram seu segundo lar. Só isso explica que no Brasil existam duas vezes mais descendentes de libaneses do que a população total do Líbano.

Os primeiros imigrantes vindos deste país chegaram ao Brasil trazendo sonhos de construir uma nova vida, de liberdade e dignidade. E ajudaram a construir, aqui, uma nova nação.

Ao longo de todos esses anos, contribuíram para enriquecer e moldar nossa cultura. Integraram-se a todas as esferas da sociedade brasileira. Espalharam-se por todo o país. Acompanharam a expansão do Brasil.

Primeiro, como mascates, exploraram espaços desconhecidos de nossa geografia. Depois, como engenheiros, médicos, escritores, cientistas, empresários ou homens públicos, ampliaram nosso horizonte cultural e político.

Os primeiros libaneses que chegaram ao Brasil trouxeram não apenas sua força de trabalho e a vontade de vencer. Em sua bagagem veio também um forte sentimento de tolerância que lhes permitiu adaptar-se a um ambiente tão distinto de sua terra natal. Sua solidariedade e hospitalidade se fundiram e reforçaram a vocação brasileira para o entendimento, a convivência e o espírito público. Essas virtudes explicam a presença tão significativa dos libaneses na vida nacional.

Foram essas mesmas qualidades que levaram o imigrante libanês Antônio Emílio Lopes a oferecer sua quinta a Dom João, quando da chegada



da família imperial ao Brasil, em 1808. Nessa mansão, que se transformou no Paço Imperial do Rio de Janeiro, nasceu Dom Pedro II. Esse episódio, possivelmente, explique porque nosso imperador tenha visitado duas vezes o Líbano, que chamava carinhosamente de o “País dos Cedros”. Movido pelo reconhecimento da dívida que temos em relação à gente libanesa, fui ao “País dos Cedros”.

Desde D. Pedro, um chefe de Estado brasileiro não visitava o Líbano e o Oriente Médio.

Meus amigos e minhas amigas,

Queremos levar a todo o mundo um testemunho.

Que todos conheçam não apenas o papel dos libaneses para a construção do Brasil, mas sobretudo o ambiente de harmonia e tolerância entre raças e religiões que aqui ajudaram a forjar.

Assim como seus ancestrais que vieram para o Brasil, os libaneses de hoje também estão dando um exemplo de maturidade democrática em sua terra natal. Souberam cicatrizar as feridas e transpor divisões acumuladas ao longo de 15 anos de conflito, para alcançar a reconciliação política e a estabilização econômica.

Quero prestar aqui uma homenagem ao saudoso primeiro ministro Rafik Hariri. Recebi-o em Brasília e experimentei sua calorosa hospitalidade em Beirute. Foi homem de diálogo e de visão. Dedicou sua vida aos interesses de seu povo e aos valores maiores da humanidade. Trouxe esperança a um povo oprimido pela violência.

Sua ação política e empresarial lançou as bases do verdadeiro renascimento que atualmente vive o Líbano. Sua generosidade e otimismo oferecem resposta exemplar à insensatez e ao ódio daqueles que recorrem à violência gratuita e indiscriminada.

Num mundo marcado pelas ameaças do armamentismo e do fundamentalismo, os libaneses, no presente e no passado, são um exemplo do



quanto o mundo árabe contribuiu e pode contribuir para os desafios de um mundo interdependente.

Não podemos aceitar uma visão distorcida dos povos do Oriente Médio, que se alimenta de preconceitos e ignora a história. Que se deixa influenciar pelo radicalismo intolerante de grupos minoritários. Ela esquece a contribuição fundamental da cultura e da ciência árabes para a civilização ocidental de que o Brasil é parte.

Os comerciantes libaneses e os navegantes árabes, mais do que quaisquer outros, difundiram o conhecimento que enriqueceu nossa cultura ocidental. Trouxeram para o mundo europeu invenções decisivas para a própria descoberta das Américas.

Com seu amor pelo conhecimento, preservaram para a posteridade a sabedoria clássica. Foram os pais da primeira onda da globalização, estabelecendo um diálogo cultural e comercial que aproximou o Ocidente e o Oriente.

Estou convencido de que o Oriente Médio poderá voltar a desempenhar esse papel de construtor de pontes entre civilizações. E o Líbano está mostrando este caminho. O país está se credenciando como facilitador do diálogo entre palestinos e israelenses e elemento-chave na consolidação da paz em toda a região.

Senhoras e senhores,

O Brasil, dentro de suas possibilidades, tem buscado apoiar também esse processo de reincorporação plena do Mundo Árabe ao convívio internacional. Esta é a mensagem fundamental que queremos transmitir na Cúpula América do Sul - Países Árabes, que vamos realizar, em Brasília, nos dias 10 e 11 de maio deste ano. Ela oferecerá oportunidade para intensificar os vínculos e lançar o diálogo entre os países latinos e árabes.

A lógica do diálogo, da cooperação e do comércio é a única resposta capaz de suplantar a irracionalidade da violência e dos extremismos.



Queremos que o Líbano seja nosso parceiro privilegiado nessa nova aventura, iniciada por nossos patrícios, de encurtar distâncias e ligar povos.

Conforme já disse em minha visita a Beirute, nós, brasileiros, somos orgulhosos da madura democracia que conquistamos e do ambiente de diversidade em que vivemos.

Os imigrantes libaneses trouxeram para o Brasil seu empenho por uma sociedade justa, onde todos possam progredir por conta do próprio esforço.

É esse também o empenho do meu governo. Estamos reduzindo as desigualdades sociais e buscando, para todos os brasileiros, condições de vida mais dignas.

Sei que podemos seguir contando com o entusiasmo, confiança e espírito empreendedor dos descendentes de libaneses para construir um país mais próspero, mais justo e, sobretudo, um país de todos.

Tenho certeza também de que a comunidade libanesa no Brasil, de que tanto nos orgulhamos, continuará a cumprir o papel essencial de elo de ligação entre dois povos, duas culturas, dois mundos.

Meus amigos e minhas amigas,

Nós aprendemos na vida cotidiana que, nem sempre, aqueles que estão mais próximos são verdadeiros companheiros. A história cristã nos ensina que nem todo irmão é um bom companheiro. Abel e Caim é o exemplo mais vivo disso. Mas também a história nos ensina que todo bom companheiro sempre será um grande irmão. E, eu acho que o que existe entre nós, brasileiros e libaneses, é mais do que uma imigração: é uma cumplicidade. Porque, nós não somos irmãos como Abel e Caim, nós somos companheiros de verdade em busca de uma única causa: justiça social, liberdade e democracia no mundo.

Muito obrigado e meus parabéns a todos os libaneses no Brasil.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da fábrica de software da Eletronic Data Systems (EDS), em parceria com a TAM Linhas Aéreas**

**Araraquara-SP, 31 de março de 2005**

Quero cumprimentar, em primeiro lugar, o povo de Araraquara, da famosa Morada do Sol, cidade das mais extraordinárias do interior do estado de São Paulo,

Quero cumprimentar os nossos deputados – não vou citar o nome porque já foram citados todos, aqui,

Quero cumprimentar os meus ministros,

Quero cumprimentar o nosso representante do governador Alckmin,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Edinho,

Quero cumprimentar os empresários que estão participando deste empreendimento,

O Neto, eu pedi para o Berzoini cumprimentar,

Meus amigos e minhas amigas,

O avanço nos processos de inovação tecnológica é condição essencial para que o Brasil continue superando os desafios impostos pelo desenvolvimento.

Em razão de seu caráter estratégico – que integra praticamente todos os segmentos da economia –, já em março de 2004 incluímos o setor de software entre as quatro grandes prioridades de nossa Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, juntamente com a microeletrônica, os bens de capital e os fármacos.



Nesse sentido, estabelecemos a meta de exportar US\$ 2 bilhões de dólares em software e serviços até 2007. Sabemos que se trata de um objetivo ambicioso, mas confiamos em nosso potencial para alcançá-lo. Já demos prova do que somos capazes com o recorde de US\$ 101 bilhões, no mês de março, em exportações, uma conquista do povo brasileiro, dos empresários brasileiros e de toda a sociedade brasileira.

Estamos, assim, implementando uma série de iniciativas com o objetivo de dinamizar o setor, como o Prosoft Empresa, pelo o qual o BNDES oferece financiamento em condições mais favoráveis para capacitação, e o Prosoft Comercialização, que oferece financiamento especial também para o usuário final.

Os resultados da prioridade que definimos para essa área já estão aparecendo. Estimamos que nossas exportações de software, que mal chegavam a US\$ 100 milhões de dólares em 2001, superaram o montante de US\$ 300 milhões de dólares no ano passado.

É, portanto, com grande satisfação que participo da inauguração de uma empresa que vai não só atender crescentes demandas de informática do setor brasileiro de transportes aéreos e outros clientes do mercado nacional, mas também exportar esses serviços, gerando divisas para o país.

A inauguração desta fábrica de software é mais uma prova de que o Brasil está no caminho certo e de que estamos nos tornando cada vez mais competitivos na elaboração de produtos e serviços com alto valor agregado.

É mais uma comprovação de que temos material humano de grande qualidade e excelentes universidades que formam profissionais altamente qualificados para um mercado de trabalho em franca expansão. Temos um mercado promissor, com demandas altamente sofisticadas e muito espaço para novos investimentos, tanto da parte de empresas nacionais como estrangeiras, as quais podem formar proveitosas parcerias, como esta entre a EDS do Brasil e a TAM, com forte empenho do nosso querido companheiro



prefeito de Araraquara, Edinho.

Minhas amigas e meus amigos,

A verdade é que o Brasil é cada vez mais um país produtor e exportador de conhecimento e tecnologia. Nesse mundo de computadores, internet e crescentes interações cibernéticas, nosso país tem sido capaz de realizações que estão impressionando até mesmo os países mais desenvolvidos e avançados.

As urnas eletrônicas, por exemplo, bem como toda a informatização do sistema eleitoral brasileiro, estão sendo admiradas no mundo inteiro. Vocês estão lembrados que na eleição passada, do presidente Bush, levou-se meses para saber quem era o vencedor. Aqui, votam-se 115 milhões de eleitores e, três horas depois, nós já sabemos quem é o eleito, o prefeito, o presidente ou o governo do estado, numa demonstração de que a criatividade do nosso povo é capaz de superar, muitas vezes, a capacidade de investimento e financiamento de outros países mais ricos que o Brasil.

Outro exemplo: nas declarações de Imposto de Renda, a transmissão de informações do contribuinte para a Receita Federal é também inteiramente informatizada.

Um outro caso exemplar é o uso em massa de cartões eletrônicos por aposentados e beneficiários dos programas sociais do governo, como o Bolsa Família, que já beneficia 6 milhões e 500 mil famílias brasileiras que vivem abaixo da linha de pobreza definida pelas Nações Unidas.

É nesse conjunto de realizações que o nosso governo está igualmente trabalhando para viabilizar maior inclusão digital. Estamos estimulando a informatização nas escolas públicas, bem como trabalhando para que o acesso aos mais avançados sistemas de processamento de dados beneficie, de fato, toda a nação brasileira.

Já no ano passado, o programa Governo Eletrônico de Atendimento ao Cidadão, que mantém atualmente cerca de 22 mil computadores conectados



em rede, levou a internet, via satélite, a mais de 5 milhões de pessoas, em 2.500 municípios. Esse programa abrange desde comunidades carentes de zonas urbanas e rurais a comunidades indígenas, quilombolas, pontos remotos de fronteira, municípios beneficiados pelo programa Fome Zero e escolas públicas.

O programa Casa Brasil estará entregando este ano 90 telecentros, que são espaços abertos à população, com computadores, acesso gratuito à internet, correio eletrônico, atendimento bancário e diversos serviços virtuais. Esses telecentros serão instalados em todas as capitais e outros centros urbanos, possibilitando que cerca de 450 mil brasileiros – a grande maioria morando em locais de baixo IDH – tenham acesso à sociedade de informação.

Com o programa Computador Conectado, estamos apoiando o setor privado na fabricação de computadores populares – que de popular não têm nada, porque são iguais aos outros, só serão mais baratos; esse é o popular, porque é mais barato –, que serão vendidos a preços reduzidos e com facilidades de pagamento.

Gostaria também de ressaltar que o governo está estimulando o desenvolvimento e uso de software livre, que além de permitir substancial redução de custos nos programas de inclusão digital, propicia amplas oportunidades para nossas empresas, tanto no mercado interno como no mercado externo.

O projeto de TV Digital, do qual participam 79 instituições de pesquisa, envolvendo cerca de 1.200 pesquisadores e técnicos de todas as regiões do país, conta também com forte participação da indústria brasileira de software e servirá igualmente como importante ferramenta de inclusão social.

Meus amigos e minhas amigas,

Nossa criatividade industrial é uma das chaves para o sucesso no mundo globalizado, pois passamos a ser produtores e não apenas consumidores de produtos e serviços com alto índice tecnológico e valor



agregado.

A inauguração desta fábrica de software é mais uma prova disso. Portanto, eu não poderia deixar de cumprimentar a direção da EDS, da TAM, e todos aqueles que acreditaram neste projeto e que hoje estão podendo participar desta festa inesquecível para a cidade de Araraquara e para as cidades do Brasil. Portanto, eu queria dar os parabéns a todos que tiveram, em um momento da sua vida, a confiança de que era possível fazermos o que estamos fazendo hoje. Meus parabéns, portanto, a essa parceria, que já nasce com sucesso.

Após esta cerimônia - eu vim de São Carlos, onde fomos inaugurar o início da construção do Hospital-Escola, perto da Universidade - vou visitar também as obras que a Petrobras está realizando para a reativação do Centro Coletor de Álcool de Araraquara, um patrimônio público, como disse o Edinho, que estava há mais de 10 anos parado por falta de investimento.

Essa obra é muito importante para melhorar a distribuição do nosso álcool, outro bom exemplo da capacidade tecnológica brasileira, baixando os custos operacionais e tornando o produto mais competitivo.

Há também a demonstração do esforço que este governo tem feito para construir uma nova matriz energética para o Brasil.

Ainda na semana passada, tive a oportunidade de inaugurar uma nova usina de biodiesel, dentro de um programa que vai permitir um grande avanço na produção de combustível, além de significar importante instrumento de distribuição de renda em áreas carentes do país.

O programa do Álcool, ao lado do programa de Biodiesel, vai colocar o Brasil na vanguarda desse processo de renovação da matriz energética, gerando divisas, distribuindo renda e preservando o meio ambiente.

Quero terminar dando os parabéns ao consórcio TAM-EDS, à nossa Petrobras e ao nosso prefeito Edinho, que tanto se empenhou para trazer para a querida Araraquara investimentos tão importantes.



Meus amigos, minhas amigas,

Meu caro Pinheiro Neto, que chorava no começo do ano, ele ia lá representar a Anfavea e dizia: “não vendemos carro, está tudo tão difícil, não conseguimos exportar”. Terminaram o ano produzindo 2 milhões e 200 mil carros, como jamais tinham produzido na vida, contratando 27 mil novos trabalhadores e, só no ABC, 11 mil trabalhadores, exportando 100 mil carros para o México, 20 mil para a Venezuela, 60 mil para a Argentina, não sei quantos para a Colômbia, para o Egito e para o mundo. E vá se preparando porque logo, logo, menos do que vocês esperam, vamos ter que começar a produzir algumas coisas a biodiesel neste país, porque queremos revolucionar a matriz energética do mundo, e deixarmos de ser dependentes apenas do petróleo, que não é renovável e que, portanto, um dia pode acabar.

Eu estou convencido, tenho dito para todo mundo e quero dizer aqui para vocês, de que o século XIX foi o século da Europa, até o começo do século XX. O século XX foi dos Estados Unidos, que se transformaram na grande potência que é hoje. O século XXI tem que ser da América do Sul, nós não podemos perder a oportunidade e jogar este século fora, porque o Brasil já teve muitas oportunidades. Durante 30 anos da nossa história nós crescemos acima de 7% ao ano, mas não basta crescimento se não houver distribuição dessa riqueza produzida, para que todos ganhem um pouco, ou seja, uma nação em que todos têm pelo menos um pouco é uma nação com distribuição de renda. Uma nação onde poucos têm muito e muitos não têm nada é uma nação que pode ser desenvolvida, mas é uma nação com péssimo índice de distribuição de renda, portanto, com pouquíssima justiça social.

A tarefa que nós temos é fazer um jogo combinado. Este país precisa crescer exportando muito e não exportando apenas matéria-prima ou produtos *in-natura*, nós temos que exportar conhecimento, inteligência, criatividade, coisa com que nós temos condições de competir com qualquer outro país do mundo. Sabe, os empresários estrangeiros que estão aqui sabem



perfeitamente bem, e possivelmente algum empresário brasileiro não reconheça com tanta rapidez a capacidade do trabalhador brasileiro. Mas os empresários estrangeiros, que têm empresas em vários países do mundo, qualquer setor, pode fazer pesquisa, e o resultado vai ser que os trabalhadores mais criativos do Planeta são os trabalhadores brasileiros. Isso já foi me dito por dezenas de empresas multinacionais aqui dentro e fora do Brasil, inclusive do setor automobilístico.

Ora, se nós temos esse povo extraordinário, se nós temos um país com todas as condições, com uma boa base intelectual, com uma boa base universitária, com empresários tão bem informados e investidores quanto qualquer outro do mundo, o que está faltando para nós? Está faltando para nós acreditar em nós mesmos, porque no Brasil nós temos uma mania cultural de nos achar pequenos. Nós temos uma mania – isso é histórico –, como nós fomos colonizados durante muitos séculos, nós não perdemos a mania, apesar de termos a nossa independência em 1822, a cabeça colonizada ainda ficou. “Ah, nós somos pequenos, nós somos pobres, nós não temos nada, quem tem muito são os Estados Unidos, quem tem muito é a Alemanha, é a França, é o Japão”. Ora, será que nós já paramos para pensar o que nós podemos oferecer ao mundo? Será que nós paramos? Veja, um país que consegue produzir uma árvore para fazer celulose em seis anos, disputar com países que demoram 50 anos para cortar a mesma árvore. Um país que tem a quantidade de água que nós temos e ainda está guardadinho o Aquífero Guarani, para a gente utilizar apenas em momentos excepcionais; um país que tem uma juventude sequiosa de ter oportunidade na vida para trabalhar; um país que tem sol quase que 365 dias por ano; um país que tem terras férteis em todos os seus 8 milhões e meio de quilômetros, se esse país acreditar nele, é como disse um prefeito nosso, do interior de São Paulo: nós temos que sonhar grande, nós temos que pensar grande, porque o país será do tamanho da capacidade de sonhar do seu povo. Se a gente pensar pequeno, ficar com



inveja, olhando os outros, nós não vamos a lugar nenhum. Nós temos que pensar grande.

Aqui tem companheiros de 30 anos, da Villares. A Villares, uma vez, sonhou em ter uma grande fábrica de locomotivas aqui em Araraquara. Fechou a divisão de equipamentos em que eu trabalhava em São Bernardo do Campo e veio montar uma colossal fábrica aqui. Naquela época se imaginava que o Brasil ia voltar a construir ferrovias. Não só não construiu como destruiu as que tinha.

Se Deus quiser, e se esta fábrica estiver preparada, ela vai voltar a produzir locomotivas neste país, porque a infra-estrutura é a base, é a cara principal que a gente tem para fazer os nossos produtos serem mais competitivos. E vocês sabem, aqui ninguém precisa esconder nada de ninguém, vocês sabem como é que nós herdamos as estradas brasileiras.

Eu não quero procurar culpado, mas vocês sabem como nós encontramos os portos brasileiros. Até parecia que as pessoas não acreditavam que o Brasil fosse capaz de exportar e crescer internamente. E nós vamos recuperar os 11 principais portos deste país, modernizá-los. Já mandamos para o Congresso uma lei para que a gente possa isentar de impostos tudo aquilo que puder ser isentado, como máquinas compradas de fora, que nós não produzimos aqui dentro para modernizar os portos brasileiros, para fazer as dragagens que precisam ser feitas, para criar as condições de funcionar, para a gente não ficar dizendo: “não, porque Amsterdã é bom, porque não sei onde é bom”. Ora, vamos fazer o nosso bom.

As ferrovias, vocês sabem o tanto de anos que estão brigando para que a Brasil Ferrovias resolva o problema do transporte neste país. Ali, na Serra de Santos, tem um gargalo entre duas ou três ferrovias que não funciona, espera-se 36 horas para trocar de vagão, é uma calamidade.

E tem contratos. É uma coisa difícil, porque tem agência que cuida disso, cada uma tem o seu contrato, foi privatizado um pouco a olho. Mas, sob



a coordenação do companheiro José Dirceu, se Deus quiser, no dia 20 ou, quem sabe, um pouco mais, nós estaremos no Porto de Santos anunciando um plano para colocar a Brasil Ferrovias funcionando corretamente e atendendo ao escoamento de produção deste país.

Eu digo sempre que o biodiesel será para o Brasil o que o álcool foi para o Brasil. Aqui tem plantadores de cana, aqui deve ter, e vocês sabem que o álcool era uma coisa que foi feita por necessidade, porque o açúcar chegou, no começo da década de 70, a 1.200 dólares a tonelada; então, todo mundo plantou cana aqui no Brasil. Depois, caiu para 260, e o que fazer com a cana? Tiveram a idéia de fazer o álcool. Na época, eu era crítico. Eu me lembro que estava começando a minha militância política e eu era crítico, eu e muitos que estão aqui éramos críticos.

O dado concreto é que o programa do Pró-Álcool foi a primeira experiência em que uma nação pôde mostrar ao mundo que era possível ter uma fonte energética renovável, geradora de empregos, que não tinha nenhum perigo de acabar enquanto existir o planeta Terra.

Mas, mesmo assim, por erros de comportamento político neste país, havia gente com vergonha de usineiro. Diziam: “porque os usineiros praticaram corrupção, porque houve corrupção não sei das quantas”, era um monte de coisas. Então, governante não conversava com usineiro; se conversava, conversava na calada da noite. Quem é usineiro sabe que eu estou falando a verdade. Não se conversava, era um “bicho feio”.

Nós assumimos, antes da campanha, quem é do setor sabe, a responsabilidade de transformar o álcool numa verdadeira matriz, numa nova fonte energética que funcionasse. Chamamos os empresários, muitos foram a Brasília e fizemos um acordo: na hora em que a gente anunciar que vai transformar isso numa fonte energética verdadeira e que a indústria automobilística vai voltar produzir álcool, nós não queremos brincadeira, porque combustível não é brincadeira. Quando nós oferecermos um carro a



álcool, no posto de gasolina tem que ter álcool, portanto, os produtores têm que produzir, porque se não for sério, ninguém topa fazer o jogo. Os usineiros toparam.

A indústria automobilística que, na década de 90 tinha produzido 90% dos seus carros a álcool e no final da década de 90 não produzia mais nenhum voltou, agora, a produzir a álcool, voltou a fazer “triflex”, “quatriflex”, ou seja, tem tanto “flex” agora, tem carro à álcool, o mesmo carro à álcool, à gasolina, à gás. E isso é um diferencial para o mundo. E ele sabe que eu vou para o Japão, agora, e uma das metas é convencer os japoneses da importância de, no cumprimento do Protocolo de Kioto, levar em conta o álcool brasileiro. Ah, mas tem desconfiança de que os empresários brasileiros não vão garantir... Venham investir aqui dentro, venham fazer parceria com os nossos usineiros, e produzir álcool aqui dentro.

Estou dizendo isso porque acho que o biodiesel vai ser o grande Programa deste país para os próximos 10 anos. Eu, que estou com 59 anos – depois dos 50 nós vamos contrabalançando na vida - mas temos muitos jovens aqui, vocês vão ouvir falar no biodiesel.

O biodiesel é uma alternativa energética tão ou mais revolucionária para o mundo contemporâneo do que foi o álcool. E é uma fonte energética que não permite guerra, e o petróleo permite: de vez em quando um país invade o outro por causa do petróleo. Nós não queremos invasão, queremos que venham plantar conosco. “Pega um dinheirinho, põe aqui, vamos coordenar direitinho”, e vamos plantar para que a gente transforme este país em uma nação que respeite a si mesma. O problema do Brasil não são os outros, somos nós mesmos.

Lembro-me da primeira vez que fui a Davos, em 25 de janeiro de 2003, em um encontro de presidentes da América Latina, cada presidente que falava, começava: “ah, porque tem criança de rua, tem muita pobreza”... Ora, alguém quer saber? Isso é problema teu, resolve. Você acha que um presidente pode



sair lá fora para ficar chorando o que não tem? Ele tem que vender o que tem, ele tem que fazer propaganda das coisas boas. É verdade que temos crianças nas ruas, desemprego, muitos jovens caídos na criminalidade, tudo isso é verdade. Mas é verdade também que este país não é um país que exporta soja ou minério de ferro; este país exporta avião, conhecimento, portanto, este país só vai resolver os problemas das crianças de rua, abandonadas, quando acreditar que pode fazer mais, quando acreditar que podemos disputar em igualdade de condições.

Vocês estão lembrados do que era o Brasil há 10 anos com a América do Sul? Vocês estão lembrados. Nós só olhávamos para a Europa, para os Estados Unidos. De repente, em dois anos, nós tínhamos uma coisa chamada Comunidade Sul-Americana de Nações. Logo, logo todos estarão participando do Mercosul. Estamos ajudando a financiar estradas que ligam o Brasil a cada país que faz fronteira com ele, para que as pessoas possam transitar, mas também os nossos produtos. E aí, sim, vamos criar esta nação mais respeitada do que em qualquer momento da sua história. E um evento vai acontecer nos dias 10 e 11 de maio. Pela primeira vez - eu não sei se fora da ONU já aconteceu um evento desses - vamos juntar, em dois dias, todos os presidentes da América do Sul e todos os presidentes, xeiques, reis, príncipes do mundo árabe em um encontro de dois continentes para podermos discutir negócios, parcerias, mostrar para eles o que nós somos.

E eu estou convencido... Eu levanto todos os dias - eu não penso muito grande porque senão não saio na porta - mas eu levanto todo santo dia acreditando que não tem como este país retroceder.

Lembro que, há dois, três anos atrás, o grande debate no Brasil era aumentar a poupança interna. “Vamos aumentar a poupança interna.” Eu, como fui candidato muitas vezes, e perdi três vezes... “Não, porque precisa aumentar a poupança interna, porque...” , e cada um tinha uma engenharia de como aumentar a poupança interna. Quando nós ganhamos, ela estava a 17,



18%. Sabe quanto está a poupança interna hoje? Vinte e três por cento. Quem sabe no ano que vem, estará 25%? E quem sabe, daqui a pouco, estará 27, que é a maior poupança interna da história deste país.

Muita gente dizia: “o país não vai crescer, isso não vai crescer...” E cresceu 5,2%. Quebrou a cara de muita gente. Porque tem gente que acorda azedo, pensando negativo. O cara vê o sol brilhando e sai com guarda-chuva, porque acha que vai chover. Como eu nasci corintiano, eu sou um homem de fé, eu acredito. Passamos 23 anos perdendo do time do Aloizio Mercadante. Por 15 anos tomamos surra do Palmeiras, do São Paulo, mas todos sabem que não há derrota que abale um corintiano. Vamos procurar a vitória no dia seguinte. Eu acredito piamente que, se não formos uma nação com a auto-estima elevada, acreditando nas coisas que fazemos... Ricardo Berzoini ficou um ano no Ministério da Previdência, e agora está no Ministério do Trabalho. “Ah, o Brasil não está crescendo, não está crescendo...” Em dois anos criamos mais empregos do que nos últimos 10 anos. Desde que foi criado o Caged, nunca se criou a quantidade de empregos que se está criando agora, e com carteira profissional assinada. Lógico que gostaríamos de criar mais, mas a gente não tem o poder de criar. Nós temos o poder de incentivar que as coisas aconteçam. Por isso é que eu acredito nesse programa do Biodiesel, porque ele vai gerar empregos na parte mais pobre do país, ele pode ser feito da mamona, do pinhão manso – pinhão manso é uma coisa quase igual à mamona, eu aprendi esses dias; da semente de abóbora, da semente de melancia, de soja, de girassol, de dendê, ou seja, nenhum país do mundo tem as alternativas que nós temos.

E os plantadores de soja vão ficar todos felizes, porque quando o preço da soja cair no mercado internacional, ele fala: “então, nós não vamos vender soja, vamos produzir biodiesel”. Aí o preço melhora um pouquinho.

Então, é preciso crer. Quando eu tomei posse, o preço do café estava a 34 dólares a saca. O governo acreditou e bancou. Compramos uma parte por



95 dólares, o governo bancou. Hoje, quanto é que está? Cento e dezessete dólares a saca. Imaginem se a gente não tivesse fé e falasse: “vamos queimar os cafezais, porque está desgraçado”. Então, temos que acordar pensando que é possível a gente mudar a natureza das coisas, pensar positivamente, acreditar que é possível.

Eu vou contar uma história: a coisa que me deixava mais entusiasmado era a crença do comandante Rolim. Quando eu chegava no Aeroporto de Congonhas porque ia pegar um avião, e lá estava o Rolim na ponta da escada: “Boa viagem! Como vai, deputado? Tudo bem, deputado? Boa viagem, deputado!” Eu falava: “esse empresário já está rico, que diabo ele está fazendo aqui às seis horas da manhã?”. Ele estava lá porque queria mostrar para os outros que a TAM era a melhor, era dele, ele tinha que mostrar. Não era o adversário que ia fazer isso. E é assim que a gente tem que acordar e deitar a cada dia. A gente não pode levar as adversidades para o travesseiro, tampouco acordar com elas. Quando vocês acordarem azedos, suem um pouco para tirar o azedume e trabalhem mais alegres, mais felizes, cumprimentando as pessoas, acreditando que podem fazer as coisas, porque senão a gente não vai ser o que quer ser, se a gente permitir que a tese dos outros prevaleça na nossa consciência.

Muito obrigado, meus parabéns e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de início das obras do Hospital-Escola Municipal de São Carlos  
São Carlos-SP, 31 de março de 2005**

Meus queridos companheiros e companheiras de São Carlos,  
Meu querido companheiro prefeito Newton Lima, prefeito desta gloriosa  
cidade,

Meu querido companheiro José Dirceu, ministro da Casa Civil,  
Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,  
Meu caro Márcio Fortes, ministro-interino do Desenvolvimento, Indústria  
e Comércio,

Meu caro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho,  
Meu caro Eduardo Campos, ministro da Ciência e Tecnologia,  
Meu querido companheiro general Jorge Armando Félix, ministro-chefe  
do Gabinete da Segurança Institucional,

Professor Oswaldo Baptista Duarte Filho, magnífico reitor da  
Universidade Federal de São Carlos,

Meus queridos companheiros deputados federais, João Paulo, João  
Herrmann, Barbieri, Roberto Gouveia, Marquezelli, Iara Bernardi. Bom, o  
problema é que não me deram a relação dos deputados aqui, Lobbe Neto.

Meu querido companheiro Aloizio Mercadante, senador da República,  
Meus companheiros e minhas companheiras

Primeiro, eu quero dizer ao Reitor que ele já pode assumir o  
compromisso, publicamente, que, se Deus quiser, no final deste ano, nós já  
vamos fazer vestibular para que no ano que vem as pessoas possam estudar.



Segundo, dizer ao povo de São Carlos, sobretudo aos estudantes de São Carlos, a parte da sociedade que lê um pouco mais de jornais, portanto deve ser bem informada, que há muitos e muitos anos, no nosso país, não se criava uma universidade federal. No nosso governo, nós estamos criando quatro novas universidades federais e estamos criando 13 extensões de universidades federais para regiões mais pobres do Brasil, inclusive a minha terra, Garanhuns, o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais; o ABC paulista, que não tinha universidade, e vai ganhar universidade federal; Sorocaba, que vai ter uma faculdade, porque eu tinha dito, antes da eleição, que era preciso um torneiro mecânico ser eleito Presidente da República, para resolver o problema educacional deste país, para resolver o problema não apenas do ensino fundamental, do ensino médio, mas também das universidades brasileiras.

E isso está sendo feito porque nós temos clareza que o Brasil não pode passar este século sendo exportador de matéria-prima ou minério de ferro ou de produtos *in natura*, produzidos no nosso campo, como a soja, como o milho e outros produtos. Nós queremos, neste século, e eu tenho dito que o século XXI será o século do Brasil e será o século da América do Sul, nós queremos exportar inteligência, queremos exportar conhecimento, exportar valor agregado. E se a gente não investir nas universidades, desde a formação dos profissionais, para que os alunos das universidades saiam preparados, não apenas para o mercado de trabalho, mas saiam preparados para ajudar a construir uma Nação muito mais forte, uma Nação soberana.

Queria dizer ao companheiro Newton que o fato de ter vindo, aqui, hoje, participar do começo da obra deste hospital-escola é uma demonstração que alguns reivindicam, outros criticam, e o papel do nosso governo é fazer aquilo que não foi feito na história do nosso país.

É por isso que queremos a reforma da universidade pública, para dar autonomia para a universidade. É por isso que nós precisamos e é por isso que



nós estamos, hoje, podendo dizer ao povo de São Carlos: quisera Deus que o Brasil tivesse crescido nos últimos dez anos o que cresceu nos nossos dois primeiros anos. E, certamente, o Brasil vai continuar crescendo, nós vamos continuar investindo e essas crianças terão um futuro muito melhor do que aquele que nós recebemos dos nossos pais.

O nosso papel é cuidar, companheiro Newton, para que outras cidades recebam os mesmos benefícios que São Carlos está recebendo. São Carlos já é uma cidade com boa infra-estrutura, já é uma cidade com uma belíssima universidade, mas não era possível que aqui não tivesse um hospital-escola, uma faculdade para ensinar medicina e, sobretudo, ensinar dando uma conotação de formação aos profissionais, para que eles aprendam a medicina social, o médico de família, para que saiam da universidade e possam trabalhar no serviço público com orgulho, não apenas pensar em se formar para montar um gabinete e ganhar dinheiro às custas da doença do povo pobre deste país. É importante que mesmo tendo o seu consultório, o médico tenha um tempo para trabalhar na rede pública para ajudar os milhões de brasileiros que só têm acesso à rede pública de saúde deste Brasil.

Eu quero cumprimentar o nosso querido Reitor, porque os 27 reitores das universidades federais estão a favor da reforma universitária, porque é proposta deles.

Quero cumprimentar o companheiro Newton, pois ainda não tive condições de cumprimentá-lo pela sua reeleição. E eu quero terminar dizendo Newtão, que feliz a cidade que pode ter um homem do teu caráter, um homem de bem e um homem com a tua alegria, governando essa cidade. Eu quero te dizer, companheiro Newton, que há muito tempo eu freqüento São Carlos, desde 1980, e há muito tempo eu acho que o povo de São Carlos merecia uma pessoa como você.

Meus parabéns Newtão, boa sorte e vamos continuar fazendo parcerias.

Eu só quero agradecer à Diretoria da Apae que está aqui, quero



agradecer aos pais dessas crianças que as trouxeram para participar deste ato e eu espero que, com o hospital-escola, essas crianças sejam melhor atendidas.

Um abraço gente.